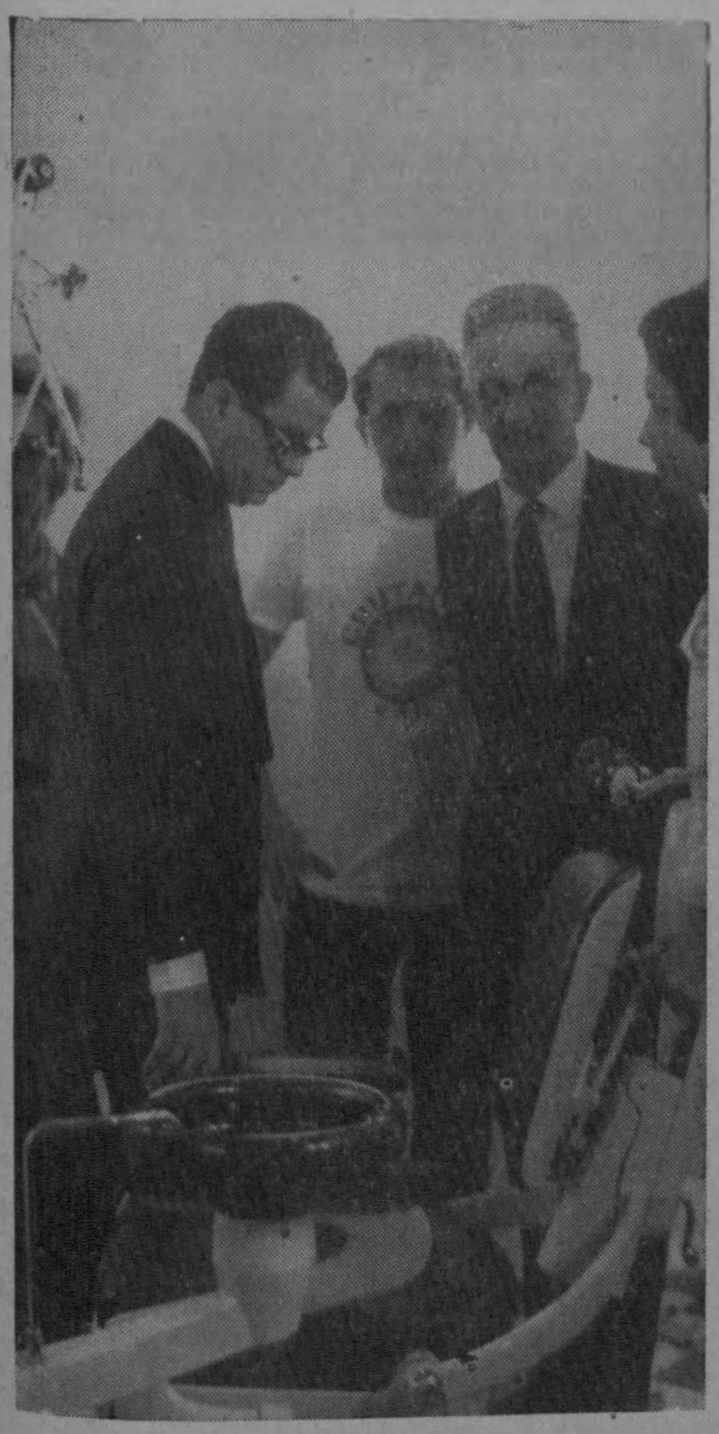
JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.º 9 — RECIFE — MAIO — 1971 — ANO III

Ministro Inaugurou o 2.º Núcleo do Crutac-Pe.

Os universitários explicaram ao titular do MEC o funcionamento dos diversos setores do órgão de interiorização da UFPe.

Momento em que o ministro cortou a fita simbólica dando por inaugurado o segundo núcleo do CRUTAC.-Pe., em Joaquim Nabuco. Na foto, está ladeado pela profa. Haidée Teixeira, a coordenadora.



No consultório odontológico. A encarregada explica ao ministro o seu funcionamento e os atendimentos ali efetuados.

O ministro Jarbas Passarinho inaugurou oficialmente o segundo núcleo do Crutac-Pe., nos municípios de Joaquim Nabuco e Agua Preta, em solenidade das mais concorridas, com a presença de centenas de famílias daquelas áreas. Inicialmente o reitor Murilo Guimarães disse da satisfação em participar também daquele ato, que representava mais uma etapa vencida na caminhada de interiorização da Universidade Federal de Pernambuco.

Em palanque armado frente ao núcleo do Crutac, o ministro e sua comitiva — sua espôsa, seu assessor Ivancir de Castro e seu médico particular — ouviram o discurso do prefeito Fernando Cabral de Melo, enaltecendo a obra realizada pelo órgão de interiorização da UFPe., destacando ainda os benefícios dela decorrentes em prol da população do seu município. Teceu elogios à coordenadora, professôra Haidée Teixeira, lembrando ainda o interêsse com que os universitários realizam seus estágios, ali.

APRENDER

Depois das palavras do representante do corpo discente, acadêmico Marcio Dias da Silva, o ministro Jarbas Passarinho dirigiu breves palavras de improviso ao numeroso público, afirmando que estava ali não para fazer discurso, porque "vim para ver e aprender e conhecer de perto a obra do CRUTAC". Falou sôbre a bravura do homem rural e sustentou que uma das metas prioritárias do seu Ministério é promover a interiorização das universidades, em caráter permanente de modo a permitir aos estudantes a realização de um estágio continuado, isto é, durante os doze meses do ano. Com isso resultará em benefícios inestimáveis quanto à valorização do homem da zona rural.

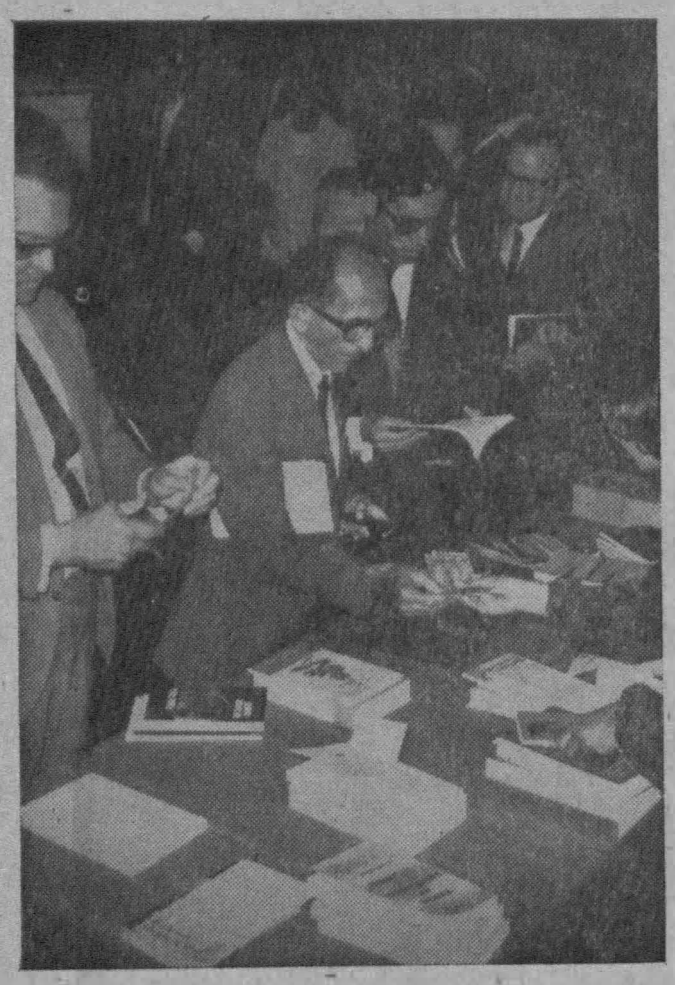
Flôres naturais foram entregues à sra. Passarinho e, ao ministro foi presenteado uma camisa com as siglas CRUTAC-Pe. Universidade Federal de Pernambuco.

Depois dos discursos o ministro se dirigiu à sede do segundo núcleo e, à entrada cortou a fita simbólica dando-o por inaugurado. Em seguida percorreu os novos setores — engenharia, biblioteca pública, odontológico, jurídico, almoxarifado central, de ciências sociais, artesanato — ouvindo, em cada um, explicações, a respeito do seu funcionamento dadas pelos próprios universitários. Estêve ainda no dormitório dos estagiários.

Foi servido um coquetel. O bispo de Palmares, D. Acácio Luna, além do professor Ageu Sales, diretor da Faculdade de Odontologia, Teófilo Vasconcelos, coordenador geral do Ciclo Geral da UFP, professôra Haidée Teixeira, coordenadora do CRUTAC, e responsáevl pela realização da cerimônia, acadêmico Rubens Albuquerque, representando o DCE, entre outras autoridades, prestigiaram o ato inaugural. Oito ônibus conduziram estudantes a Joaquim Nabuco, naquele dia.

(Outras matérias sôbre o ministro, na última página).

Personalidades Prestigiam 1.º Grande Lançamento da Imprensa Universitária



O primeiro grande lançamento da Imprensa Universitária, êste ano, realizado no salão norte do Hotel São Domingos, foi o mais concorrido dos últimos anos. Tanto pelo número de obras — cêrca de 17 — como também pelo número de personalidades presentes à cerimônia presidida pelo vice-reitor Marcionilo Lins.

Contudo uma asuência foi bastante lamentada: o escritor Pierre Sastre não pôde comparecer à festa do lançamento do seu livro "Os Ilhados" também editado pela Imprensa Universitária.

ORADORES

Além das palavras do professor Marcionilo Lins, representando naquele ato o reitor Murilo Guimarães, dizendo da importância da divulgação de autores pernambucanos, que normalmente encontram dificuldades editoriais. Discursou também o pró-reitor Heraldo Almeida, de Assuntos Comunitários, exaltando o trabalho da Imprensa Universitária destacando a sua expansão nesses últimos anos.

A MENSAGEM

Coube ao professor Arthur Coutinho a leitura da mensagem enviada pelo autor de "Os Ilhados", demonstrando nela uma destinação para a morte.

Dizia em um dos seus trechos: "Os Ilhados, em essência, excluindo-se os artifícios literários encerra uma mensagem de protesto e um apêlo: protesto pelo que de malsão se tem feito até agora ao doente de Hansen; apêlo para que se lhe torna a vida menos árida e a sociedade menos hostil. O protesto, aqui e ali, toma a forma de sarcasmo; o apêlo, algumas vêzes, esconde-se numa lágrima'".

SILÊNCIO

A leitura da carta aberta do escritor Pierre Sastre provocou silêncio entre os presentes, tendo algumas pessoas em meio a alegria de outras, ficado com lágrimas nos olhos, quando o prof. Arthur Coutinho lia; "Como é de praxe, deveria eu estar presente ao lançamento do meu livro "Os Ilhados", distribuindo autógrafos, cumprindo, enfim, o que cabe a um autor nessas ocasiões. As minhas atuais condições físicas, entretanto, não me permitem o desempenho de tais incumbências, privando-me inclusive, de assistir ao desfecho, que reputo de glorioso, de uma árdua jornada, iniciada com a elaboração do livro e prolongando-se até a sua publicação.

"Devo dizer, por um dever de consciência e gratidão — continuou — que atinjo a meta final graças à solidariedade e ao amparo de alguns homens, à frente o dr. Medeiros Dantas, já classificado por nós, vítimas do Mal de Hansen, como um símbolo da redenção do hanseniano. Vem em seguida a figura do amigo professor Arthur Coutinho, dedicadíssimo na consumação da tarefa e promotor do lançamento do meu livro.

Agradeço a todos que adquirirem o meu livro, ensejando-me, por esta forma, não só uma compensação material do meu trabalho, mas, sobretudo, pela ajuda que disto advirá na concretização do destino para que êle foi criado".

Além do livro "Os Ilhados" do escritor Pierre Sastre foram publicados os Anais do Seminário de Tropicologia — III vol; Trabalhos de Direito Penal, de Everardo Luna; Ação Declaratória, de Torquato Castro; Temas de Direito Agrário, de Arthur Pio dos Santos Neto; Tempo de Pernambuco, de Oscar Mendes; Política de Desenvolvimento do Nordeste, Gileno de Carli; Alguns Aspectos Históricos e Médicos do Recife, do almirante Veloso Costa; a Idéia da Universidade e a Recente Reforma Universitária Alemã, de Pinto Ferreira; A Grande Festa dos Lanceiros e As Batalhas dos Guararapes, de Cláudio Moreira Bento; A Igreja dos Guararapes, de José Antônio Gonsalves de Melllo Neto; A Flor e o Fruto, de José Carlos Cavalcanti Borges; A Outra e Outros, de Pelópidas Soares; A Argila e o Sal, Luiz Soler; Revista de Antibióticos, do Instituto de Antibióticos e Estudos Universitários, Vol. XI, n. 1.

Bôlsa de Trabalho Qualifica Mão de Obra nas Emprêsas

Sempre que possível, o estudante é encaminhado a emprêsa com alguma qualificação, isto é, dentro da formação profissional por êle escolhida.

A experiência vem surtindo efeitos realmente promissores, levando-se em consideração a limitação do mercado de trabalho da região nordestina, onde o empresariado sente dificuldades em arcar com as despesas de mão de obra qualificada.

Não podemos deixar de considerar a Bôlsa de Trabalho no seu conteúdo integrativo, universitário-emprêsa, proporcionando ao estudante a experiência prática daquilo que auriu na sua unidade de ensino, como também uma vivência de caráter educativo, quando sabemos que o benefício é concedido desde que o estudante se comprometa a prestar serviço por 4 (quatro horas), dando-lhe uma parcela de autosuficiência e a certeza de que está sendo útil no que concerne à sua participação na vida comunitária. Donde se depreende a necessidade de ampliação do programa, para a qual apresentamos demonstrativo da previsão orçamentária:

Diante do crescente número de estagiários, torna-se necessário fazermos uma revisão do comportamento orçamentário do MEC, para dar continuidade ao crescimento acentuado das bôlsas de trabalho. Evitando dessa maneira um futuro colapso do dispêndio oferecido pelo MEC aos alunos menos favorecidos.

Apresentamos o crescimento estatístico observado no período 1970-71.

Período	Número de Estagiários	Aumento %
1970 — Julho Dezembro	80	—
1971 — Janeiro Fevereiro	116	45
1971 — Março Abril	250	212

O crescimento percentual médio observado foi de 20% ao mês. Foi destinado à sub-comissão das bôlsas, pelo MEC, a importância de Cr$ 165.000,00 para o dispêndio em bôlsas de trabalho e até a presente data, foi gasto Cr$ 27.052,75, restando um saldo de Cr$ 137.947,25.

Tomaremos como base para o nosso estudo o mês de abril, com uma despesa orçada em Cr$ 24.000,00.

Considerando a estagnação no aumento percentual de estagiários, o atual saldo irá cobrir as despesas até o mês de agôsto do corrente ano, restando um saldo de Cr$ 17.947,25 (dezessete mil, novecentos e quarenta e sete cruzeiros e vinte e cinco centavos).

Considrando ainda o atual aumento percentual, observado na ordem de 20% ao mês, a verba do MEC. irá cobrir as despesas até o mês de julho do corrente ano, conforme discriminação abaixo:

Abril	— 24.000,00
Maio	— 28.800,00
Junho	— 34.560,00
Julho	— 41.472,00
	128.832,00

Restando Cr$ 9.115,25

II — *PREVISÃO PARA O CORRENTE ANO*

Apresentamos a previsão do dispêndio do MEC, até dezembro de 1971, considerado um aumento percentual mensal de 20% em função do ano base (mês de abril de 1971).

Meses	Dispêndio Mensal	Aumento Unitário
Abril	24.000 00	—
Maio	28.800,00	4.800,00
Junho	34.560,00	5.760,00
Julho	41.472,00	6.912,00
Agôsto	49.766,00	8.294,00
Setembro	59.719,00	9.957,00
Outubro	71.662,00	11.943,00
Novembro	85.994,00	14.332,00
Dezembro	103.193,00	17.199,00
T O T A I	499.166,00	79.183,00

Fazendo-se o abatimento do saldo em caixa temos: Cr$ 499.166,00 — Cr$ 137.947,25 = Cr$ 361.218,75.

É necessário obter uma verba adicional de ..... Cr$ 361.218,75 (trezentos e sessenta e hum mil, duzentos e dezoito cruzeiros e setenta e cinco centavos) para complementação do dispêndio em bôlsas de trabalho para o corrente ano.

III — *CRITÉRIOS SELETIVOS*

Para a seleção das bôlsas de trabalho, por deficiência de pessoal, foram realizadas sòmente entrevistas (1970), além da exigência dos seguintes documentos:

a — atestado de pobreza
b — declaração da renda familiar
c — declaração do número de dependentes
d — declaração de que é aluno regularmente matriculado
e — fôlha corrida da polícia
f — declaração de desemprêgo.

Em 1971, pretendemos utilizar as mesmas técnicas de Serviço Social, empregadas com êxito aos candidatos a bôlsas de estudo, quais sejam: entrevistas, visitas domiciliares, correspondência com autoridades municipais onde residem as famílas dos estudantes provenientes do interior do Estado ou em outros Estados.

Os critérios para a concessão das bôlsas de trabalho são os seguintes:

a — renda familiar
b — número de denpendentes do responsável
c — aprendizado do candidato
d — situação de desintegração familiar
e — problemas de saúde que repercutem no equilíbrio sócio-econômico.

IV — *SUGESTÕES*

Ao nosso ver, a bôlsa de trabalho deve assumir o caráter fundamentalmente educativo, necessitando para isso do contato constante com as entidades empregadoras e a Sub-Comissão de bôlsas de trabalho e a Direção da Escola a qual pertenc eo candidato, a fim de que o aluno não vá trabalhar pelo simples interêsse remunerativo, mas antes de tudo que vise a um treinamento profissional.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.º 9 Recife — Maio — 1971 Ano III

Interiorização da Universidade Brasileira

HAYDÉE TEIXEIRA

(Conferência pronunciada no Rotary Clube do Recife)

A Universidade é o laboratório cultural, onde se preparam os quadros humanos que irão determinar as mudanças sociais. Na nova conceituação, não é possível isolar-se a Universidade, que sem o entendimento dessa realidade ela será apenas a instituição tradicional clássica. restringindo-se a formação de pessoal de nível superior.

O CRUTAC não é a simples prestação de serviços profissionais, mas a Universidade que se transporta para o interior, com a sua ciência, com os seus conhecimentos. com a sua técnica. São êstes os impulsos que o conduzirão à verdade científica de amanhã. Não só cremos na motivação que trará às comunidades. a presença da Universidade no Interior,. mas sobremodo, acreditamos no ulterior interêsse para o estudo das relações humanas, contribuindo portanto a um mais concreto entendimento das razões e dos valores, que vive limitada entre os confins de um povo, que, por sua natureza, dilata-se e comunica-se ao mundo universal do espírito, constituindo o único e sempre renovado patrimônio da civilização humana.

Tôda nação que atingiu certo estágio de desenvolvimento é instintivamente impelida à prática da educação. Educação é o processo pelo qual uma comunidade preserva e transmite suas características físicas e intelectuais. Isso porque o indivíduo passa, mas o tipo permanece... Como o homem se torna cada vez mais consciente de seus próprios poderes, empenha-se em criar para si uma espécie melhor de vida, e para isso procura conhecer mais sôbre os dois mundos: o mundo sem êle e o mundo de que participa. A partir dêsses fatos, a UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO através do CRUTAC-PE se propõe a participar efetivamente dos problemas das comunidades com a presença do seu Corpo Docente, acompanhando o aluno, assessorando-o no trabalho de orientação prévia e supervisionando-o ao mesmo tempo.

E a ação comunitária é uma constante, porque o CRUTAC-PE. não faz assistencialismo, mas, promove o homem através da educação, que é essencialmente uma função da comunidade.

A Universidade, como tão bem interpreta o Prof. Nilo Pereira, não pode ser considerada como um organismo isolado, quase estérico, distanciado da realidade cotidiana, como se lhe cumprisse apenas teorizar sôbre as coisas abstratas, que melhor se estudam nos gabinetes fechados do que nos campos de experimentação. A realidade interiorana devia estar na alça de mira da Universidade Brasileira como uma problemática humana, capaz de interessar ao treinamento de estudantes e ao desenvolvimento de uma eficaz ação comunitária.

Pouco mais de (3) meses transcorreram e o CRUTAC-Pe. já é uma experiência válida. Atuando como área prioritária na Região da Mata Sul, numa marcha lenta embora, para uma realidade verdadeiramente universitária, mas agindo ativamente de modo quase agressivo contra tudo, está o CRUTAC-Pe. proporcionando ao Estudante, uma maior formação Universitária através da vivência com a realidade Interiorana.

Cada uma das Faculdades e Escolas da Universidade Federal de Pernambuco tem participação específica no plano geral de trabalho do CRUTAC-Pe. Entretanto, como meio de ampla integração, tôdas estas atividades se exercem com a cooperação de Serviços Existentes, Públicos ou Privativos, locais e regionais Igualmente, junta-se o esfôrço dos líderes locais e de tôdas as organizações assistenciais de modo a se aglutinarem fôrças que tenham os mesmos fins e os mesmos objetivos, evitando-se o desperdício ou divisão de recursos através da duplicidade de trabalho. Assim contamos com valoroso subsídio de organizações, como: SESP, FUNRURAL, PREFEITURAS LOCAIS, um e outros, todos da mais valiosa importância pelos respectivos contingentes de trabalho e experiência.

Efetivamente o homem é o grande objetivo de ação do CRUTAC. Êle é considerado o ponto de partida para tôda atividade do desenvolvimento, porque não acreditamos em que ações isoladas resolvam problemas complexos.

Não teremos desenvolvimento rápido e uniforme, se o homem não é educado, não é sadio, não tem consciência dos seus deveres e direitos, não tem capacidade operacional para o trabalho, não é enfim, o princípio básico, a essência da ação consciente.

As ações isoladas, não resolvem as complexidades. A técnica, a indústria, a saúde a educação a economia não atendem cada um por si só aos objetivos desenvolvimentistas, nem aos sonhos de felicidade de cada um.

A Universidade Federal de Pernambuco com o CRUTAC-Pe., conduz alheia a Sectarismo de qualquer natureza, a ação global necessária a uma atitude agressiva e racional de desenvolvimento comunitário.

E é esta tarefa a que a Universidade Brasileira se propõe, mostrando aos descrentes ou acomodados, que não podem avaliar a magnitude e extensão de um plano que mobiliza, controla e dirige fôrças de trabalho de diferentes naturezas e peculiaridades, visando a uma ação uniforme e trabalhando como um todo harmônico e construtivo.

Uma nação livre não pode elevar-se mais alto que o padrão estabelecido nas suas Escolas e Faculdades.

O CRUTAC-PE. exige fôrça de trabalho e fôrça de inteligência capazes de enfrentar o poder da disciplina totalitária. Exige mentalidades com horizontes suficientemente amplos e amadurecidos que nos permita chegar a certas conclusões, tão necessárias no momento atual, considerando que a educação do povo é o recurso fundamental da sociedade... é a fôrça primordial do desenvolvimento econômico.

No CRUTAC-Pe. por exemplo, a Universidade Federal de Pernambuco está desenvolvendo programa de pesquisa, objetivando maior rendimento ao aprendizado do jovem acadêmico e consequentemente a ação comunitária.

Como vê, vale a pena ressaltar mais uma vez: "Essa interiorização, não prejudica a Universidade do saber, da técnica da ciência da especialização pois onde estiver o homem seja qual fôr sua dimensão social aí estará o universal. E aí estará portanto a Universidade".

Esperamos naturalmente, que a contribuição desta exposição, possa produzir fruto e promover no possível uma maior integração para uma melhor consciência dos valôres espirituais sôbre os quais se funda a essência histórica do CRUTAC-PE.

Nossa juventude, para a qual estamos voltados, necessita de muita mensagem pacifista: ela procura um meio de mudar a estrutura social, e nós, pela condição que nos é imposta, de profissionais responsáveis, temos obrigação de aproveitar as oportunidades ajudando a aquêles que querem alguma coisa mas que não sabem querer.

Deixa-nos D. Pedro II a mais singular e profunda mensagem de idealismo sadio, aquela que num desejo incontido de bem orientar sua filha "Isabel, a redentora", sôbre o difícil ofício de governar: "O sentido inteligente do dever é o nosso melhor guia".

Medicina e Nutrição Dinamizam Ensino no Hospital das Clínicas

A Faculdade de Medicina e o Instituto de Nutrição da UFPe, representados, respectivamente, pelo prof. Hélio Mendonça e prof. Nelson Chaves, e na presença do prof. Antônio Figueira, Superintendente do Hospital das Clinicas, firmaram um convênio que foi homologado pelo Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa.

Objetivos

O convênio, estabelecido entre as duas unidades universitárias, visa à integração do ensino teórico, prático, pesquisa e serviço de nutrição no Hospital das Clinicas. Como seu principal objetivo, o convênio tem o estabelecimento de uma politica de relacionamento entre a Faculdade de Medicina e o Instituto de Nutrição no Hospital das Clinicas, a fim de que êste possa cumprir seus objetivos específicos, ampliar sua ação na comunidade e desenvolver serviços de elevado padrão técnico.

Finalidades

Estabelecida esta politica de relacionamento, pelo convênio, as duas unidades visam a atingir os seguintes fins:

1 — melhorar o ensino teórico, o prático, o campo de estágio e promover pesquisas;
2 — manter o pessoal docente e do Serviço de Nutrição do Hospital das Clinicas e docentes do Instituto de Nutrição atualizados no campo especifico;
3 — integrar o ensino teórico, prático e pesquisa em Nutrição, através de mecanismos apropriados entre o I.N., as Clinicas e o Serviço de Nutrição e Dietética do Hospital;
4 — prover os recursos necessários para assegurar o aprendizado prático dos alunos do IN no Hospital das Clinicas.
5 — estimular o entrosamento inter-profissional visando a formação de equipes para execução das atividades de saúde de forma integral.

Faculdade de Medicina

Com a assinatura do convênio. a Faculdade de Medicina assumiu, entre outros, os seguintes compromissos:

1 — Criar e manter condições favoráveis ao ensino teórico e prático, bem como à pesquisa no campo de Nutrição dentro do Hospital das Clinicas, a fim de assegurar aos alunos seleção de experiências educativas adequadas e indispensável à sua formação, respeitadas as possibilidades financeiras do Hospital;

2 — Prestar assistência médica curativa e preventiva aos alunos do I.N. que participem de atividades não remuneradas;

3 — Proporcionar estágios a alunos e graduados de Nutrição indicados pelo Instituto;

4 — Elaborar programas de orientação e educação em serviço para o pessoal do Instituto de Nutrição e Dietética, permitir o afastamento de nutricionistas para cursos, estágios e pesquisas em outros centros do país ou do exterior.

Instituto de Nutrição

O Instituto de Nutrição assumiu, por sua vez, a obrigação de cumprir várias cláusulas, entre as quais, temos:

1 — Encaminhar os alunos para o aprendizado teórico, prático e estágios no Hospital das Clinicas, respeitados os planos de atividades e as possibilidades do Hospital;

2 — Designar o Coordenador do Curso de Nutrição para integrar a Comissão Permanente de Ensino, Residência e Estágio junto ao Conselho de Planejamento do Hospital das Clinicas e para compor o Comitê Assessor da Coordenação de Ensino e Pesquisa, sendo seu suplente, neste último, o chefe do serviço de Nutrição e Dietética;

3 — Assegurar a racional distribuição dos alunos e estagiários nas suas atividades, de forma a promover o maior rendimento possível, tanto do ponto de vista de ensino e pesquisa, como de Serviço;

4 — Colaborar no planejamento e realização de pesquisas de iniciativa da Faculdade de Medicina e promover e conduzir pesquisas de sua iniciativa, visando a melhoria do serviço e elevar o nivel de ensino.

Nelson Chaves eleito presidente da S. B. de Nutrição

O Instituto de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco tem agora três de seus membros na Diretoria da Sociedade Brasileira de Nutrição, órgão criado recentemente durante a realização do V Simpósio Brasileiro de Alimentação e Nutrição, em Belo Horizonte. Foi aclamado presidente da nova Sociedade o prof. Nelson Chaves, pró-reitor para assuntos de Pesquisa e Pós-graduação da UFPe. e diretor do Instituto de Nutrição. O prof. Álvaro Vieira de Melo foi eleito 1.º secretário e a dra. Ramanita Varela é o tesoureiro da SBN.

V SIMPÓSIO

O V Simpósio de Nutrição realizou-se entre os dias 2 e 8 do corrente, em Belo Horizonte com a participação de 130 delegados, representando instituições e universidades do país e do estrangeiro. A delegação de Pernambuco, chefiada pelo prof. Nelson Chaves, contou com a presença dos professôres Álvaro Vieira de Melo, Ramanita Varela, Ivan Beghin, Malaquias Batista, William Simons, todos do Instituto de Nutrição da Universidade Federal de Pernambuco.

Entre os trabalhos apresentados pela delegação pernambucana, figuram estudos sôbre a recuperação nutricional de crianças com a *mistura V*, elaborada pelo I.N. e constituída de leite, feijão macáçar, milho e complementação vitamínica.

SOCIEDADE BRASILEIRA DE NUTRIÇAO

A Sociedade Brasileira de Nutrição, segundo seu presidente, deverá funcionar no Recife durante quatro anos. Presentemente, os dois vice-presidentes da SBN são os professôres Walter Santos, do Rio de Janeiro, e Dutra de Oliveira, de São Paulo.

JORNAL UNIVERSITÁRIO

Diretor
Ariano Suassuna

Editor Geral
César Leal

Secretário de Redação
Carlos Garcia

Chefe de Reportagem
Manoel Neto Teixeira

Repórteres
Angela Delouche, Francisco Delgado e Moacir Castro

Diagramação
Josias Florêncio

Editado mensalmente pelo Departamento de Extensão Cultural.
Livros, cartas e colaborações de professôres e alunos da UFPe., devem ser enviadas para a Redação do Jornal Universitário: Reitoria da UFPe., na Cidade Universitária (Eng. do Meio

PREÇO DO EXEMPLAR CR$ 0,20

RECIFE, Centro de Estudos Linguísticos

Integrantes da Comissão de Estudos do Projeto Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas (PILEL) estiveram reunidos, no Recife, no Instituto de Letras da Universidade Federal de Pernambuco, com o fim de dar prosseguimento e desenvolvimento ao PILEL em sua quarta reunião, no Brasil.

O Projeto visa a efetivar levantamento para verificarmos a verdadeira situação da língua culta urbana no Brasil, ou melhor, aquilo que se considera correto em linguagem, aquilo que o grupo social culto aceita como correto. Estas são palavras do Prof. José Brasileiro Vilanova, do Instituto de Letras e Coordenador Nacional do Projeto em aprêço.

Cinco Cidades Brasileiras

O Recife figura entre as cinco cidades brasileiras, onde serão feitos os levantamentos. As outras são Rio, S. Paulo, Salvador e Porto Alegre. A reunião do Recife contou com os professôres Nelson Rossi, Jacyra Andrade Mota e Suzana da Silva Cardoso, de Salvador; das professôras Dinah Maria Callou e Maria Helena Marques, do Rio; dos professôres Isaac Salum, Ada Rodrigues (da Universidade de São Paulo); Ataliba Castilho (Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília) e Francisco da Silva Borba, (da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara). Representou Pôrto-Alegre o Prof. Albino de Bem Veiga. Do Recife, isto é, do Instituto de Letras da UFPe., os professôres José Brasileiro Vilanova, Maria Piedade Moreira de Sá, Maria Núbia da Câmara Borges e Glécia Benvindo Cruz.

Cada uma das cinco cidades tem um coordenador geral. Nelson Rossi, por Salvador; Celso Cunha, pelo Rio; Albino de Bem Veiga, por Pôrto Alegre; Isaac Salum e Ataliba Castilho, por São Paulo. Na reunião, do Recife, o nosso coordenador, Prof. Brasileiro Vilanova foi eleito coordenador do Projeto, para todo o país.

Antecedentes do PILEL

Várias personalidades do mundo da linguística numa reunião interamericana pensaram em trabalhar organizadamente para o desenvolvimento da lingüística. Estava-se em 1958. Dêsses entendimentos preliminares resultou a fundação, em 1963, do Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Línguas, cujo primeiro Simpósio realizou-se em Cartagena, na Colômbia. No ano seguinte realizava-se o Simpósio de Bloomington, nos Estados Unidos.

Em janeiro de 1968 realizou-se, no México, o IV Simpósio do PILEL, tendo dêle participado, como convidado, o prof. brasileiro Nelson Rossi. Até então, pensava-se no levantamento lingüístico dos países americanos de língua ibérica, apenas.

O prof. Nelson Rossi apresentou à Comissão de Lingüística e Dialetologia Ibero-Americana daquele organismo um trabalho em que levantou alguns problemas relativos a uma possível aplicação no Brasil do *Projecto de estudio coordinado de la norma Linguística culta de las principales ciudades de Ibero américa*, salientando a alta conveniência, para o Brasil de incorporar-se ao Projeto.

"Não obstante — frisou Nelson Rossi — estar a Comissão até agora voltada, predominantemente, para os problemas da diversidade no espaço, da língua espanhola, são tantos, tão evidentes e tão relevantes os pontos comuns à problemática do espanhol nas Américas, e do português no Brasil, que pràticamente tudo o que já se fêz — desde as formulações teórico-metodológicas até os questionários específicos — poderia ser aproveitado para um estudo sistemático das modalidades cultas das falas urbanas do Brasil".

Após sua demorada exposição de motivos, foi, o prof. Nelson Rossi, designado pela Comissão do PILEL, Coordenador Provisório do Projeto, no Brasil, capacitando-o, assim, a promover contactos com pessoas e instituições para a concretização, no nosso país, dêsse projeto de âmbito nacional.

Funcionamento do Projeto

Após a inclusão do Brasil no Projeto Internacional do levantamento da língua culta falada nas principais cidades da América Latina e Península Ibérica, passa-se a parte esquemática de seu funcionamento. Ficou decidido que o Projeto compreende duas fases: recolha do material e análise, seguindo-se como roteiro um guia questionário em fase de elaboração.

A recolha do *corpus* será feita por meio de 400 horas de gravação de elocução de pessoas consideradas cultas — diálogo, entrevistas e falas formais — compreendendo 600 informantes, entre homens e mulheres, repartidos na mesma proporção e distribuídos por três faixas etárias.

Datilografado o material recolhido passar-se-á para a segunda fase, isto é, a análise pròpriamente lingüística cujo plano inclui: fonética e fonologia, morfossintaxe, frases, oração e período, estruturas coloquiais e léxico.

A Importância dêsse Estudo

"Sem o conhecimento científico de nossa realidade lingüística, sem sabermos quais as normas tradicionais que estão vivas e quais as superadas, continuaremos a entravar o ensino do idioma com uma inútil sobrecarga de fatos inoperantes e consequentemente, a retardar a incorporação à comunidade de plenitude produtiva dessa imensa população de analfabetos que, para desonra nossa, povoa ainda os oito milhões e meio de quilômetros quadrados dêste país continente. Para ser ensinado com eficácia o português do Brasil, precisa, pois, ser minuciosamente pesquisado e descrito em sua diversidade e em sua unidade. Ressalte-se, além disso, a contribuição que o Projeto trará à preparação de métodos de ensino do português a estrangeiros, com reflexos na divulgação da língua portuguêsa na sua variedade brasileira e das nossa cultura". Essas são afirmações do prof. Albino de Bem Veiga, da UF do Rio Grande do Sul.

Novas Espécies de Clúsia Classificadas no setor de Botânica

Três novas espécies de *Clúsia do Brasil* foram recentemente descobertas e já estão classificadas no Departamento de Botânica do Instituto de Biociências da Universidade Federal de Pernambuco.

A descoberta das três novas espécies deve-se ao prof. Geraldo Mariz, diretor do Departamento de Botânica, um especialista no assunto, se dedica desde 1963, a estudos sistemáticos e continuos.

Clúsias são Arvores de grande porte

O gênero das clúsias do Brasil pertence à família botânica das *Gutíferas*, de grande interêsse econômico, ornamental e alimentício. São árvores de grande porte, alcançando, em média, cêrca de 30 metros de altura. As clúsias mais difundidas em nossas matas e identificadas pelo povo são aquelas vulgarmente denominadas *de Camaçari, Bacupari* e *Bulandi de leite*.

Necessidade de dinamizar os estudos

Em reportagem concedida ao JORNAL UNIVERSITÁRIO o prof. Geraldo Mariz lamentou a lentidão com que os estudos de botânica vêm sendo feitos em nosso pais. A dificuldade de bibliografia é enorme, assim como a de obter material que, anteriormente, botânicos estrangeiros depositaram em herbários da Europa e da América.

"Há necessidade de se continuar com êstes estudos, pois supomos que o número de nossas espécies deve ser consideràvelmente maior do que o referido até agora para o nosso país" — declarou o Prof. Geraldo Mariz.

Chave para o Estudo das Clúsias

Em recente congresso realizado em São Paulo, ou seja, o XXII Congresso Nacional de Botânica, patrocinado pela Sociedade de Botânicos do Brasil, pela Academia Brasileira de Ciências e Conselho Nacional de Pesquisas, o prof. Geraldo Mariz apresentou se umais recente trabalho: "Chave para as espécies de Clúsias do Brasil", no qual se encontram classificadas e cientificamente caracterizadas, 70 espécies de clúsias, inclusive as três descobertas pelo autor, em Pernambuco.

Inibidores de germinação

A pesquisadora Dilosa de Alencar Barbosa, pertencente à equipe do Departamento de Botânica, apresentou no Congresso de São Paulo, trabalho de sua auotria: "Detecção de inibidores de Germinação em fôlhas de Waddelia Paludosa DC".

A "Weddelia", que nada mais é do que o Malmequer dos campos, aquêle que tôda criança desfôlha, dizendo:

"Malmequer — Bemequer".

possui, em suas fôlhas, uma substância química que impede a germinação de sementes de tomates.

Mixomicetos de Pernambuco

O estudo sistemático das espécies de Mixomicetos ocorrentes no Brasil, apenas começou. É de 1902 o primeiro trabalho publicado. Em 1967 o Departamento de Botânica publicava monografia sôbre o assunto, de autoria dos professôres Geraldo Mariz e Laise de Holanda Cavalcanti. Agora, a pesquisadora Laise retoma o assunto, apresentando-o com o titulo de "Novas ocorrências de Mixomicetos em Pernambuco II". Êsse trabalho também foi apreciado no Congresso Nacional de Botânica, acima referido.

Juventude Atraída Pela Medicina

Preparando sua 47a. turma de doutorandos, nos seus bem vividos 50 anos, a Faculdade de Medicina, vem se constituindo, nos últimos tempos, uma das Unidades que mais atrai os jovens vestibulandos.

A direção da Faculdade de Medicina da Universidade Federal de Pernambuco está confiada ao prof. dr. Hélio Gomes de Matos Mendonça. Da turma de médicos de 1944, começou a trabalhar, ainda estudante com o prof. Aggeu Magalhães. Depois de formado foi assistente do prof. Coelho de Almeida, na cadeira de Histologia. Em 1950 faz concurso e torna-se catedrático em Histologia, cargo que ocupou até sua eleição para a chefia da Faculdade.

Hélio Mendonça diz-se uma vocação para o magistério. Tem cursos de especialização no Instituto de Biofísica da Universidade do Brasil.

Recentemente fêz viagens de estudos a convite do Conselho Britânico, tendo se demorado na Inglaterra e Escócia, como hóspede oficial.

Também agraciado com um convite do govêrno francês, visitou as faculdades de Medicina de Strasburg e Montpelier.

Em 1925 formavam-se os primeiros médicos no Estado de Pernambuco, foram êles: Anibal Bruno de Oliveira Firmo, Argemiro Costa Filho, Benedito Alves Carvalho, João da Silva Correia de Oliveira Andrade e Porfirio de Andrade Sobrinho.

Doutor Otávio de Freitas

A Otávio de Freitas, sobretudo, deve-se a criação, em 1920, da Faculdade de Medicina. A primeira reunião em que êsse insígne mestre lançou a idéia de uma escola de medicina para nosso Estado, realizou-se em 1915. Por cinco anos a idéia foi combatida por figuras de projeção tanto nos meios médicos como nos governamentais.

Dr. Otávio de Freitas lembra aos opositores que, na época, enquanto na França, por exemplo, havia um médico para 1.500 pessoas, em Pernambuco tínhamos um médico para 10.000 habitantes.

Em 1920, o dr. Otávio de Freitas, ocupando a direção da Escola de Farmácia, convocou outra reunião:

"No dia 4 de maio de 1920 sob a presidência do sr. dr. Otávio de Freitas, secretariado pelo dr. Tomé Dias, efetuou-se a 2a. congregação da Faculdade de Medicina do Recife".

Daí em diante a idéia não mais esmoreceu. O curso regular teve início em junho com 15 alunos quase todos já formados em direito, farmácia ou odontologia. Dêsse grupo pioneiro, cinco anos depois sai a primeira fornada com os seis primeiros médicos que citamos no início.

A 46a. Turma em 1970

A Faculdade de Medicina, hoje integrante da Universidade Federal de Pernambuco, formou no ano passado, 160 novos médicos em sua 46a. turma de doutorandos. Dêstes, muitos são do interior do Estado e também de Estados vizinhos e outra parte do Recife. Atualmente há grande simpatia pela carreira médica por parte das mulheres. Dos recém-formados, um terço, aproximadamente, é do sexo feminino.

Reforma Universitária

A reforma universitária atinge também Medicina. O artigo 80, publicado no Boletim Especial de dezembro do ano passado, declara: "Os cursos de graduação foram desdobrados em ciclos, correspondendo o 1.º a grandes áreas de conhecimentos".

Corrigir Deficiências

Destina-se o 1.º ciclo a corrigir as deficiências da formação intelectual recebida na Escola de 2.º grau e reveladas no concurso Vestibular.

Encarrega-se ainda de orientar o aluno em sua decisão vocacional e ministrar as disciplinas básicas pressupostas pela formação acadêmica ou profissional.

Como se vê, o 1.º ciclo tem objetivos e funções de natureza geral mas bem definidos.

Os universitários classificados no fim do 1.º ciclo podem ingressar nos ciclos seguintes.

Outras Fases do Curso de Medicina

O 2.º ciclo básico específico ministra conhecimentos que correspondem aproximadamente, às atuais segundas e terceiras séries do curso médico. Comenta-se que, de futuro, os estudantes atingirão o término do curso, quando perfizerem o total de matérias, que êles farão por livre escolha, podendo ser de tempo mais lato ou mais resumido. Essa não fixação em anos é bastante preconizada.

O 3.º ciclo é também chamado de profissional ou clínico, corresponde aos últimos anos do doutorando. As aulas já são ministradas em hospitais e a essa altura já se esboçam as tendências para futuras especializações.

Cidade Universitária e Hospitais

O Hospital Universitário, ao lado da Faculdade de Medicina, ainda não foi concluído, como é do conhecimento de todos. Daí o convênio que a Universidade mantém com hospitais no Recife, como é o caso do velho Hospital D. Pedro II, reformulado e adaptado em Hospital das Clínicas, algumas delas, realmente, à altura do progresso da ciência.

Outras clínicas estão no Hospital de Santo Amaro, como é o caso da 1a. clínica Traumatológica e cirúrgica. A Universidade mantem ainda convênios com a Maternidade de Oscar Coutinho para as clínicas obstétricas e puericultura da 1a infância.

Mestrado e Doutorado

Funciona na ala de Bioquímica, na Faculdade de Medicina a Câmara de Ensino e Pós-graduação para a preparação de mestres e doutores. Renomados mestres estrangeiros, são contratados para cursos intensivos para os pós-graduados.

Os próprios professôres que se dedicam aos cursos de pós-graduação são todos êles de alto gabarito, com prolongados estágios no exterior, estando, por isso, capacitados para os cursos em aprêço.

Também, muitos universitários são contemplados com bôlsas ao exterior e já temos casos de jovens que se especializaram fora e hoje dão tempo integral no ensino de pós-graduação. Aí nós podemos ver uma sementeira de novos cientistas.

Matrícula de 1920: 15 *alunos*
Em 1971: 1.344

A semente plantada pela figura ímpar que foi o médico Otávio de Freitas, no recuado ano de 1920 produziu cem por um.

Hoje 1.344 alunos se dividem pelos diversos cursos na Faculdade de Medicina, dos quais, um terço, aproximadamente, está com as mulheres que, cada ano que passa estão mais e mais atraídas pela profissão médica.

No Recife Já Existem Macrobióticos

A Macrobiótica surgiu há muitos milênios atrás, no Japão, mas estava restrita a um grupo de religiosos. George Ohsawa foi quem, podemos assim dizer, a redescobriu, já neste século, e difundiu-a por todo o mundo. Muito mais do que um regime para emagrecer(a macrobiótica é um método de vida.

Comemorou-se recentemente, o 1º aniversário da Associação Macrobiótica de Pernambuco. Já conta com mais de 150 sócios.

REGIME OU SISTEMA

"A Macrobiótica é mais do que um regime para emagrecer: é um método de vida. Quem a procura apenas por achar que é mais uma nova fórmula para perder pêso, não consegue segui-la como deve ser seguida e, consequentemente, não consegue os resultados desejados. Macrobiótica nada mais é do que procurar um método de vida simples, sem artificialidade, de acôrdo com as leis inexoráveis que regem nossa vida. Exemplificando: comendo o arroz branco e tôda espécie de cereais beneficiados, nos afastamos da natureza. E deixando de comer o alimento como é dado pela natureza, nosso organismo fica com menor resistência às doenças".

Uma das coisas fundamentais na macrobiótica é a hora da refeição. A maneira de se alimentar do macrobiótico é um total relax, já o leva à paz. O macrobiótico faz sua refeição em silêncio, mastigando umas cinquenta vêzes cada garfada. Há muito respeito pelos órgãos internos. Cada órgão executa apenas sua tarefa: o estômago recebe todo o alimento perfeitamente triturado pela função dos dentes. Durante a mastigação, considerada o exercício mais completo que o corpo pode ter, põe-se em funcionamento as glândulas salivares, que por sua vez irão ativar todo o sistema glandular. É lógico que a pessoa não precisa permanecer muda à mesa, mas deverá selecionar os pensamentos, não debatendo, em hipótese alguma, problemas cotidianos, política, futebol, etc., assuntos que além de distrairem a pessoa do ato de mastigação, impedem um afrouxamento geral das tensões, tão necessário e benéfico para a boa digestão dos alimentos

O QUE É A MACROBIÓTICA

A macrobiótica foge do artificialismo da vida moderna. O iniciante. do método sente vontade de deixar a cidade, e, voltar ao campo, à vida simples. Lògicamente não lhe sendo possível largar seus estudos, seu emprêgo, sua vida citadina, êle começa a simplificá-la e imita o oriental que alcançou tão alto grau de sabedoria e se mantém tão simples, bem de acôrdo com a natureza.

"Ser verdadeiramente macrobiótico é, ao meu ver, ser simples. Há um retôrno a uma vida natural". "É empolgante cozinhar o "pão nosso de cada dia" ao invés de comprá-lo em uma padaria.

Vamos enchendo nossa vida de alegrias simples e com isto vamos adquirindo paz. A macrobiótica faz desaparecer o artificialismo. A pessoa saudável e tranquila chega a ser bela, mesmo quando não o é; seus órgãos estando em perfeito funcionamento dão-lhe uma aparência agradável, simpática, higiênica, que artifício algum lhe dá. Isto não quer dizer que a mulher deva renunciar à sua feminilidade. Algumas pessoas, às vêzes, já de idade, ao melhorarem seu estado de saúde, rejuvenescem e, com a alegria que a macrobiótica dá, tornam-se mais faceiras do que antes. A higiene é a condição indispensável dos macrobióticos; é uma limpeza de dentro para fora".

O CAMINHO PARA A MACROBIÓTICA

"O primeiro passo para se tornar macrobiótico é substituir o arroz branco pelo integral, conforme é oferecido pela natureza, rico em vitaminas, açúcares naturais e proteínas. Ao mesmo tempo, abre-se mão da sobremesa, tão do hábito do brasileiro, medida imprescindível, embora seja difícil por questões emocionais visto que procuramos o açúcar mais como compensação, como prêmio, por ser gostoso. O paladar é muito exigente, quanto mais se lhe dá mais quer, ao nos escravizarmos a êle, colocamo-nos à mercê de seus efeitos, havendo, às vêzes, até inapetência pois o que agrada hoje já se torna insípido amanhã. Muitas vêzes deparamos com pessoas que se apresentam enfastiadas por já terem recorrido a mil variedades de diversas comidas e nada mais lhe apetece".

Na macrobiótica também são excluídos os refrigerantes, as bebidas alcoólicas e a carne. "A carne não é alimento natural do ser humano. Está provado que não somos carnívoros. A carne crua desagrada ao gôsto e a vista, e, sendo êste dois sentidos os indicadores de nossos alimentos concluímos que não somos carnívoros. Além disso, ninguém poderá viver muito tempo comendo sòmente carne, mas poderá viver muito e perfeitamente saudável tôda a vida se alimentando de cereais".

O REGIME MACROBIÓTICO

O candidato à macrobiótica renuncia à variedade de sua mesa, restringindo sua alimentação aos cereais integrais, raízes e verduras. "Começa uma nova vida de simplicidade e de sabedoria também, pois estará vivendo de acôrdo com a natureza".

Na dieta macrobiótica há sempre um prato básico, o arroz integral acompanhado de um secundário, que pode ser de verduras, raízes, algas marinhas, camarão alguns peixes, etc., êste prato é temperado com óleo e môlho de soja. Os tempêros da cozinha macrobiótica são cebola, alho e cebolinha.

A refeição do macrobiótico dura normalmente uma hora, mas por outro lado, dorme-se menos, pois o organismo se recupera mais ràpidamente do desgaste. "Para aquêles que afirmam não terem tempo disponível para perder numa refeição de uma hora podemos lembrar que êsse tempo é recuperado com menos horas de sono". "Depois de algum tempo de dieta macrobiótica, a pessoa já pode fazer o jejum, uma vez por semana. Dá-se um descanso ao organismo para uma maior vitalidade".

ELAS SÃO MAIS NUMEROSAS EM EDUCAÇÃO

Com uma matricula de 547 alunos nos cursos de Pedagogia e Licenciatura, vem a Faculdade de Educação da Universidade Federal de Pernambuco, graduando, ano após ano, uma média de 130 novos professôres para o ensino médio, em nosso pais.

Esclareça-se que a Faculdade de Educação é, tôda ela, quase exclusivamente, frequentada . pelas jovens. Para ilustrar vamos aos números: sòmente no curso de Pedagogia, no corrente ano temos uma matricula de 329, com a seguinte divisão: 321 mulheres e 8 homens.

Dirige a Faculdade de Educação da UFPe. o Prof. Antônio Carolino, nome que se sobressai no âmbito universitário, como um dos mais credenciados titulares da Estatistica. Bacharel em Ciências Jurídicas e Sociais pela Faculdade de Direito de nossa Universidade, tem publicado inúmeros trabalhos, alguns em colaboração com órgãos do gabarito do Instituto Joaquim Nabuco de Pesquisas Sociais, como **Vida Média e Sobrevivência em Áreas do Nordeste; Censo de População e Habitação das Áreas de Inundação da Barragem de Boa Esperança** — uma pesquisa para a COHEBE; **Exportação dos Estados do Nordeste para o Exterior** — pesquisa para o Centro das Indústrias de Pernambuco; **Notas sôbre Equipamentos Básicos do Nordeste**, trabalho realizado para a SUDENE, isto, só para citar alguns órgãos que convidam o Prof. Carolino pela capacidade de seus conhecimentos estatisticos.

Na direção da Faculdade de Educação, está agora com uma nova frente de trabalho, conta com muito entusiasmo: "Esta Faculdade, — frisou, na entrevista que concedeu a Angela Delouche, foi a primeira da Universidade a utilizar o Sistema de Créditos para os cursos de Pedagogia e de Licenciatura".

A Faculdade de Educação da U.F.Pe., com sede na rua Nunes Machado, 42, no bairro da Soledade, tem por finalidade a formação de professôres para escolas de nivel médio e a preparação de técnicos e especialistas nas áreas de administração e supervisão escolar e orientação educacional.

São declarações do prof. Antônio Carolino, salientando o sistema de créditos, regime muito preconizado, que tira ao aluno a fixação restrita de tempo, dando-lhe possibilidade de concluir seu curso em mais ou menos tempo, dependendo, tão sòmente de sua escolha, guardadas, naturalmente. as exigências mínimas.

O Regime de Créditos

Nossa Faculdade foi a primeira a adotar o regime de créditos — salientou o Prof. Antônio Carolino. Cada crédito corresponde a 15 horas-aula, num periodo letivo idêntico destinado à prática, isto é, estágio supervisionado.

Os currículos dos cursos seguirão uma sequência ordenada das disciplinas e práticas oferecidas, atendendo as exigências legais e hierarquizadas por meio de pré-requisitos, cuja integralização dará direito ao respectivo diploma.

Normas para Organização dos Currículos

Para licenciaturas às diversas disciplinas do ensino médio exigem-se pré-requisitos, isto é, estudos específicos nos Institutos, Escolas ou Faculdades que ministrem as disciplinas de conteúdo, conforme a relação constante do Regimento, ou seja: Letras (1.º e 2.º ciclos); Matemática; Fisica; Quimica; História Natural; Biologia; Ciências (1.º ciclo); História; Geografia; Ciências Sociais (1.º ciclo); Filosofia; Desenho e Artes Plásticas; Enfermagem; Ensino Agrícola de Nível Médio; Economia Doméstica; Educação Física; Arte Dramática e Música; Canto Orfeônico.

Em muitas dessas áreas a Prática de Ensino, isto é, o estágio supervisionado será ministrado em instituições especiais mediante convênio com a Faculdade.

Os Departamentos

A Faculdade de Educação da UFPe. está organizada em departamentos, agrupando atividades e matérias afins. Assim temos o Depto. de Fundamentos Sócio-Filosófico da Educação; Depto. de Psicologia e Orientação Educacional; Depto. de Administração Escolar, e Planejamento Educacional e Departamento de Métodos e Técnicas de Aprendizagem.

A Faculdade mantém ainda um Colégio de Aplicação, que funciona como campo de estágio para os alunos.

Cada departamento é chefiado por um dos seus membros integrantes que designa, anualmente, um professor do próprio departamento para compor a Comissão de Aconselhamento dos Alunos, necessários ao sistema de créditos.

Os Cursos

Oferece a F.E.U.F.Pe. os seguintes cursos: Licenciatura para as Diversas Disciplinas do Ensino Médio, abrangendo a formação pedagógica para o magistério, nas seguintes áreas: Letras, Matemática, Física, Química, História Natural, Biologia, Ciências para o 1.º ciclo, História, Geografia, Ciência Sociais, Estudos Sociais para o 1.º ciclo, Filosofia, Desenho e Artes Plásticas.

Mediante convênio com a Faculdade, os estágios supervisionados para Enfermagem, Ensino Agrícola, Industrial e Comercial (1.º ciclo) assim como Economia Doméstica, Educação Física, Arte Dramática, Música e Canto Orfeônico, são ministrados em instituições especiais.

Êsses cursos são coordenados por dois professôres designados pelo diretor, os quais se responsabilizam pelo preparo dos funcionários da secretaria para o exato registro da vida escolar do aluno, tendo em vista a adoção do sistema de créditos.

A Licenciatura para as disciplinas do Ensino Médio exige pré-requisitos, compreendendo estudos específicos nos Institutos, Escolas ou Faculdades que ministram as disciplinas de conteúdo, conforme a relação constante dos cursos oferecidos.

O aluno candidato à licenciatura, tirará, na Faculdade de Educação, 35 créditos de formação pedagógica. Paralelamente à formação pedagógica, o aluno poderá tirar os créditos restantes de disciplinas de conteúdo, na Unidade de origem, desde que não ultrapassem a 16 créditos na área de conteúdo.

Para a Formação Pedagógica das diversas Licenciaturas do Ensino Médio, exige-se um total de 35 créditos e para as Licenciaturas em Pedagogia, 150 créditos.

Duração dos Cursos

A fim de possibilitar ao aluno do Curso de Pedagogia, concluir os seus estudos num periodo de tempo variável entre 3 e 7 anos, fica estabelecido um máximo de créditos por semestre de 32, e um minimo de 8, atendidas as compatibilidades de horário.

No caso da formação pedagógica para as diversas Licenciaturas do Ensino Médio, os estudos poderão ser feitos num periodo variável de um a 3 anos (de 2 a 6 semestres), devendo o aluno tirar no mínimo 8 créditos por semestre. Êsse número poderá ser reduzido, caso se trate de um número menor de créditos restantes para conclusão do curso.

Normas de Verificação

O Conselho Departamental da Faculdade de Educação, de conformidade com resolução do Conselho Coordenador de Ensino e Pesquisa divulga as normas de verificação e aprovação a serem adotadas nos seus cursos no corrente ano: o número de exercícios escolares será de três para cada disciplina semestral. O aluno estará obrigado a submeter-se a pelo menos dois exercícios por semestre. Será observado um intervalo de pelo menos 20 dias, entre as datas de realização de exercícios das mesmas disciplinas.

A frequência às atividades escolares é obrigatória considerando-se inabilitado na disciplina o aluno que deixar de comparecer a mais de um terço das aulas, teóricas e práticas, computadas separadamente. Observados os mínimos de frequência às aulas e aos exercícios escolares, considerar-se-á aprovado, na disciplina, o aluno que houver alcançado nota final não inferior a cinco. Será dispensado do exame final o aluno que, tendo realizado todos os exames escolares previstos para o período letivo, houver obtido média não inferior a sete. Por outro lado não poderá submeter-se a exame final o aluno que obtiver nota inferior a três na média das verificações parciais.

Não será admitido ao exame final o aluno que não houver alcançado a frequência regulamentar às aulas e aos exercicios escolares.

É vedada a segunda chamada para a realização de exame final, salvo em casos excepcionais.

Govêrno Quer Fixar no País Professôres Pós-Graduados

Visando a promover a fixação no país dos professôres qualificados pelos cursos de pós-graduação, acabam de ser postos à disposição da Coordenação do Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), recursos da ordem de Cr$ 4.980.000,00, pelo Ministério do Planejamento, em face de autorização do Presidente da República, que aprovou os têrmos do convênio assinado entre as partes.

Tais recursos, vinculados ao Fundo Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico, destinam-se a complementar o custeio de quatro projetos mencionados no acôrdo e a serem executados pela CAPES no triênio 1971-73.

OPINIÃO DE SUCUPIRA

Na opinião do professor Newton Sucupira, diretor do Departamento de Assuntos Universitários do Ministério da Educação e Cultura, a pós-graduação se impõe e se difunde em todos os países como uma consequência natural do extraordinário progresso do saber em todos os setores, tornando impossível proporcionar treinamento completo e adequado para muitas carreiras nos limites dos cursos de graduação.

"A pós-graduação, acrescentou, Sucupira, torna-se, assim, na universidade cúpula dos estudos, sistema especial dos cursos exigidos pelas condições da pesquisa científica e pelas necessidades de treinamento avançado. O seu objetivo imediato é, sem dúvida, proporcionar ao estudante o aprofundamento do saber que lhe permita alcançar elevado padrão de competência cientifica ou técnico-profissional, impossível de adquirir no âmbito da graduação. Mas, além dêstes interêsses práticos imediatos, a pós-graduação tem por oferecer, dentro da Universidade, o ambiente e os recursos adequados para que se realize a livre investigação cientifica e onde possa afirmar-se a gratuidade criadora das mais altas formas da cultura universitária.

REALIDADE

Depois de situar a importância do ensino e da pesquisa pós-graduados nos países altamente desenvolvidos — os Estados Unidos já introduziram um ciclo mais avançado do que a pós-graduação, o dos estudos *post doctoral* — o professor Newton Sucupira volta à situação no Brasil:

No que concerne à Universidade brasileira, os cursos de pós-graduação, em funcionamento regular, quase não existem. Permanecemos até agora aferrados à crença simplista de que, no mesmo curso de graduação, podemos formar indiferentemente o profissional comum, o cientista e o tecnólogo. O resultado é que, em muitos setores das ciências e das técnicas, o treinamento avançado de nossos cientistas e especialistas há de ser feito em universidades estrangeiras.

Sustenta, assim, o Diretor do Departamento de Assuntos Universitários a urgente necessidade de implantação sistemática dos cursos pós-graduados, tendo em vista o desenvolvimento da indústria brasileira, que requer um número crescente de profissionais criadores, capazes de desenvolver novas técnicas e processos de produção.

O CONVÊNIO

Segundo os têrmos do convênio assinado entre o Ministério do Planejamento e a CAPES, serão quatro os projetos a serem executados no triênio 1971-73: a) fixação de pessoal de nível superior, oriundo de cursos de pós-graduação, como fórmula transitória para sua absorção definitiva pelas universidades; b) aquisição e manutenção de equipamentos como necessidades decorrentes da admissão pelas universidades de pessoal altamente qualificado pelos cursos de Mestrado e Doutorado; c) realização de cursos de revisão e atualização (reciclagem) para docentes universitários nos períodos de férias escolares; d) bôlsa e auxílios de natureza especial, complementando as iniciativas enumeradas nos itens anteriores.

Ministro Falou de Desafio em Tropicologia

Jarbas Passarinho ladeado pelo escritor Gilberto Freyre, no aeroporto dos Guararapes, cumprimenta o economista Djair Barros, diretor da Di visão de Expediente Escolar da U.P.Pe.

A reunião do mês de abril do Scminário de Tropicologia da UFPe, foi das mais concorridas dos últimos anos. O conferencista foi o ministro Jarbas Pasarinho, da Educação e Cultura, abordando o tema "O Desafio do Trópico aos Atuais Homens Públicos do Brasil". A reunião teve lugar no auditório do Museu do Açúcar, sob a presidência do governador Eraldo Gueiros, sendo os trabalhos coordenados pelo escritor Gilberto Freyre. À mesa registrou-se a presença do reitor Murilo Guimarães.

Inicialmente, o presidente da Academia Pernambucana de Letras, Marcos Venicius Vilaça, fêz entrega ao ministro e aos demais componentes da mesa — sendo posteriormente distribuídas com o auditório — de plaquete contendo os discursos do proprio Jarbas Passarinho e do jornalista Nilo Pereira, lidos por ocasião do auniversário do mencionada Academia.

DEBATES

Logo após a apresentação do trabalho do conferencista, como é de praxe do regulamento do Seminário, processaram-se os debates. ocasião em que membros do Seminário fizeram perguntas ao ministro, constituindo uma das partes mais movimentadas da reunião, principalmente porque nas próprias indagações se ouvia a opinião do interlocutor a respeito dos mais variados aspectos ligados direta ou indiretamente ao assunto.

Com muita segurança nas suas afirmações e com bastante senso de humor, o ministro respondeu a tôdas as perguntas e, tendo em vista a exiguidade do tempo — tinha outros compromissos a cumprir — muitos seminaristas não puderam formular suas questões.

O auditório do Museu estava inteiramente tomado pelo numeroso público, destacando-se a presença de autoridades universitárias, comandantes de Guarnições Militares locais, escritores, jornalistas, entre outras autoridades civis e militares.

O ministro se fazia acompanhar do seu chefe de Gabinete sr. Vanderlei Normando e do seu assessor Ivancir de Castro. Além da conferência, participou de outras solenidades. Almoçou com o governador Eraldo Gueiros, visitou os comandantes do IV Exército e do III Distrito Naval; percorreu as novas instalações da Academia Pernambucana de Letras e à noite, tomou parte de um banquete na Federação das Indústrias, oportunidade em que fêz outra palestra sôbre a integração Universidade-Indústria.

TROPICOLOGIA

A conferência do titular do MEC é a seguinte, pronunciada no Seminário:

O Desafio do Trópico Aos Atuais Homens Públicos do Brasil

"No momento em que me convidais a debater o desafio do trópico, estais certamente acrescentando ao agrônomo, ao ecólogo, ao antropólogo e ao geógrafo, invocados pelo cientista professor Vasconcelos Sobrinho, o homem público, estranha denominação de uma atividade quase sempre temporária, voluntária ou forçadamente...

Por que convocais o homem público ao debate? Seguramente, creio eu, porque desejais ouvir o generalista. A mim, me serve de divisa a de Lyautey: "Je suis le technician des idées genérales".

Sinto-me lisonjeado só por haverdes admitido que eu possa ser enquadrado na honrosa companhia dos políticos de visão global dos problemas do homem. E digo honrosa porque a função política anda a receber agressões nem sempre justas.

Pouco antes de morrer, o inolvidável André Maurois escrevia: "Recusar-se a fazer política, é uma das maneiras de fazê-la".

Há animais políticos. Se amais a luta, se sois naturalmente eloquentes, se a experiência mostra que podeis exercer imediata influência em um auditório, sôbre a massa, ou melhor ainda, se tendes presença na televisão — então por que não serdes político? Em política — conclui Maurois — "amo as carreiras não premeditadas".

Creio que estais diante de uma delas. E, possivelmente, em face de um "animal político", mas só episódica e casualmente lançado na política militante.

Isto pôsto, retomo o raciocínio interrompido: creio que, de fato, é imprescindível ouvir o que o homem público, sobretudo quando detentor de responsabilidades no Executivo, tem a dizer sôbre o desafio do trópico, juntando a sua voz aos técnicos a que se referiu o sábio professor e cientista, ex-Reitor da Universidade Federal Rural de Pernambuco.

DESAFIO AO HOMEM

Em primeiro lugar, por que é o trópico um desafio, sobretudo o trópico úmido?

Cuido que as conclusões do geógrafo, do agrônomo, do médico, do antropólogo, do biólogo e do economista dentre muitos outros cientistas, justificam chamar o trópico de desafio ao homem, no sentido em que se trata de incorporar o trópico ao ecúmeno.

O agrônomo nos dirá das enormes dificuldades a vencer para a introdução de técnicas agrícolas que sejam bem sucedidas a solos tropicais, cujas peculiaridades edáficas e climáticas, somadas a uma indiscutível tendência para o rápido esgotamento dos recursos naturais, são tremendos obstáculos a uma colonização que ponha os trópicos a serviço da luta mundial contra a fome, agravada que está pelo perigo maltusiano das "populações explosivas".

Os geógrafos, depois de divergirem dos agrônomos, dos ecólogos e dos médicos na conceituação do trópico acabarão por confirmar que embora quase 20% das terras acima do nível do mar estejam nos trópicos, é nelas que se encontram, proporcionalmente, as regiões mais adversas à persença permanente do homem.

Os economistas perguntam-se se o trópico, notadamente o superúmido, é um projeto viável em têrmos de ocupação humana, ao mesmo passo em que indagam dos sociólogos por que, coincidentemente, estão nos trópicos as mais extensas zonas subdesenvolvidas do mundo.

Os ecólogos riem-se, conosco, do determinismo pseudocientífico de Ratzel, porém concedem que os aglomerados humanos sofrem importantes condicionamentos de ambiência nos trópicos.

Todos, finalmente, pomo-nos de acôrdo em que as regiões tropicais, devido as suas dificuldades próprias, não passam ainda de recursos em potencial, conquanto grandes, e que é imperativo aproveitá-los de uma maneira racional e ordenada.

Nisto, suponho, consiste o desafio.

Preliminarmente, só na aparência é acaciana e afirmação de que nos trópicos é possível a vida humana, organizada em comunidades desenvolvidas e civilizadas. Pois, em verdade, alguns tabus se criaram, ao longo do tempo, contrários a essa conclusão. Já não falo de determinismo geográfico definitivamente desacreditado. Refiro-me a certas conclusões e até mesmo a vicios semânticos. No primeiro êrro incorreram muitos autores respeitados; no segundo, os criadores, por exemplo, de expressões como "doenças tropicais".

Euclides da Cunha foi dos que se alinharam, durante algum tempo, entre os caluniadores do clima da Amazônia, dando-o como batido por "um bochorno de 39º à sombra", que fazia o homem desaparecer.

Vianna Moog, em "Bandeirantes e Pioneiros" fala-nos da trágica experiência dos sulistas norte-americanos que, batidos na guerra da secessão, vieram alojar-se no Tapajós, próximo a Santarém. Os milhares de imigrantes que vieram para o Brasil haviam preferido São Paulo, onde não deixaram marca

CONTINUA

Ministro Falou de Desafio em Tropicologia

CONTINUAÇÃO

notável de colonização, mas contribuiram para o desenvolvimento da região. Já o grupo que preferira a Amazônia, dêle só restava ao cabo de 75 anos, dois irmãos. Das duas centenas de norte-americanos. exceto êsses dois, "todos desapareceram. Um por um. os confederados e suas mulheres tinham desaparecido".

O pior é que os dois sobreviventes haviam sido aculturados pela sociedade cabocla a cujos "folk ways" se haviam ajustado...

HOMEM E TRÓPICO

Eis aqui um modo bastante direto de um renomado escritor brasileiro admitir que, nos trópicos úmidos, o homem civilizado ou morre ou, quando sobrevive, regride a padrões primários de uma civilização de mestiços única sub-raça capaz de resistir à inclemência da natureza agressiva e hostil

Entrementes os cientistas estrangeiros faziam a apologia, por vêzes exagerada, da Amazônia. Humboldt iludiu-se com a Hiléia e chamou-a "celeiro do mundo". Um certo Wallace definiu-lhe o clima como "dos mais ameno do mundo". É Araújo Lima (Amazônia: a terra e o homem) que no-lo revela.

Paul de Cointe, que na bacia amazônia viveu por muitos anos e só depois de uma década de observações acuradas se permitiu escrever as primeiras conclusões, que se transformariam nos dois tomos de "La Amazonie brésilienne", sustentou que o clima não era, de modo algum, obstáculo à vida do europeu na Amazônia.

Hoje mesmo nos currícula de nossa escolas médicas os alunos têm uma cadeira de "Medicina Tropical". Lembra-me haver lido, em Afrânio Peixoto, o primeiro protesto formal a essa denominação. "Onde as doenças tipicamente tropicais?" — perguntava o ilustre médico e acadêmico. Tôdas as doenças por nós mesmos consagradas como tropicais — com exceção de certo tipo de leishmnaiose — eram encontradiças fora dos trópicos, mesmo nas regiões temperadas, até mesmo nas frias.

Neste próprio seminário, em 1967, o ilustre médico Frederico Simões Barbosa, ao explanar sôbre "Saúde e Trópico, foi taxativo, ao dizer:

> — "Se considerarmos tôdas as doenças que ocorrem entre os dois trópicos como doenças tropicais, teríamos incluído entre estas quase tôdas as doenças conhecidas".
>
> E, ainda, exemplificando:
>
> — "A amebíase foi descoberta na Rússia e ancilostomose na Itália".

Eis-nos, pois, reconduzidos, às primeiras conclusões, isto é, se é verdade que o determinismo geográfico é insustentável, também não será falso admitir que os trópicos levam a certos condicionamentos, não só do comportamento, como da vida humana. Fato, de resto, que se verifica, por exemplo, igualmente nas regiões permanentemente geladas.

Pode afirmar-se, pois, com relação aos trópicos que, das regiões habitáveis da terra, são êles os últimos a serem colonizados, dado que sua colonização permanente, até aqui, tem sido alunos têm uma cadeira de "Medicina Tropical". Lembram-se ção, dificuldade.

O notável geógrafo que é Mário Lacerda de Melo, de quem li um dos mais judiciosos trabalhos sôbre geografia tropical, produzido neste Seminário de Tropicologia, deixa bem nítidas as dificuldades do aproveitamento dos trópicos:

> — "Nos vastos espaços equatoriais, superúmidos, um povoamento e um desenvolvimento, que teriam de partir de atividades agrícolas, têm encontrado mais condições edáficas e climáticas embaraços até agora não superados.
> Nas regiões imensas de savanas, cerrados e caatingas, a pequena proporção de áreas agrícolas úteis, e o problema da água estão na base de um baixo povoamento e uma baixa significação econômica, em contraste, como no caso da floresta equatorial, com seu enorme potencial de espaço. Em contraposição, surgem espaços amplamente favoráveis nas áreas subtropicais, de que temos exemplo válido em nosso planalto Meridional Brasileiro. Do mesmo modo, nas extensões das Florestas Tropicais, como é o caso da Floresta Tropical Atlântica de nosso Pais. Êsses, aliás, os dois grandes ambientes brasileiros de verdadeira expressão demográfica e econômica".

Como se vê, do trecho que escolhi para citar, a síntese feita pelo professor Mário Lacerda de Melo é perfeita. No trópico super-úmido o homem paga pelo excesso das chuvas, laterizando o solo, inundando os vales em cheias torrentosas, tornando agricultura e pecuária uma aventura Já no trópico sêco ou semi-árido é a falta de água o agente de perturbação e dificuldade.

Ao estadista, que deve ter uma formação compósita, a análise não deve escapar, como fundamento à formulação de uma política de colonização dos trópicos.

Creio que não vamos muito mal no Brasil, com a responsabilidade que nos advém de sermos o maior país tropical do mundo.

Com efeito, quem pode apontar, na linha do Equador algo que se compare à civilização que erguemos em Belém do Pará, ou mesmo em Manaus? Ao longo do maior paralelo da Terra, nada se iguala ao nosso esfôrço.

Releva confessar, contudo, que até aqui temos crescido desordenamente. Por muito tempo, por exemplo, a Amazônia estêve povoada por uma sociedade que viveu do extrativismo vegetal. Houve um cronista malicioso que nos definiu como "Sociedade de Cócoras", aludindo à posição em que o caboclo colhe a castanha do Pará, ou a améndoa oleaginosa que flutua nos igarapés.

Hoje, graças à pertinácia do imigrante japonês, a juta e a pimenta-do-reino afirmam-se como atividades agrícolas de importância considerável.

Note-se, porém: o trabalho do agricultor para cortar a juta macerá-la e pôr a secar a fibra é muito penoso, grande parte realizado com a água pela cintura. Quanto à pimenta-do-reino. só o fertilizante lhe garante o êxito, contra um solo que, desprovido do revestimento floristico original, entra em rápido processo de laterização.

Em uma palavra: é possível a agricultura como atividade-suporte da colonização (Tomé-Açu é o exemplo), mas são ingentes os esforços que isso acarreta.

Daí eu aplaudir a expressão "o desafio do trópico", no tema que mestre Gilberto Freyre me destinou.

De fato, a natureza como que se obstina em livrar-se da ação modificadora do homem, que Euclides chegou a classificar de intruso, na Amazônia.

Nossas forrageiras nativas fazem da pecuária dos campos naturais áreas de baixa sustentação. O pêso médio dos bois alimentados nas pradarias de Roraima não ultrapassam 250 quilos, em pé. As gramíneas do Marajó não são de muito melhor resultado. E as enchentes periódicas que inundam a grande ilha provocam descapitalização anual superior a 50.000 cabeças, reduzindo sensivelmente o desfrute do rebanho bovino marajoara.

As terras firmes são, a despeito de sua floresta portentosa e, por isso, enganadora, de baixa produtividade. Isto poderia ser compensado pela excepcional fertilidade das várzeas altas, cujo humus é anualmente renovado pela colzatagem, provocada pela regressão das águas que, após a enchente anual do Amazonas, voltam à sua calha de verão.

Nessas várzeas, terras de aluvião que Pierre Gourou afirma serem 10% do total da área da bacia, poderia obter-se arroz para abastecer o mundo. O milho, que só produz minguados 800 quilos por hectare na terra firme, multiplica os resultados na cultura ribeirinha. O mesmo se dá com o feijão.

Mas, dolorosa pergunta, quem garante que o semeador colha normalmente o produto do seu trabalho, se a enchente poderá vir de inesperado e literàlmente afogar a plantação?

O Rio São Francisco pôde ser domado. Do domínio das águas, tudo o mais derivou: navegabilidade regular; anulação das terras ribeirinhas do quaternário fértil, à agricultura; energia elétrica a serviço da agricultura, da pecuária e da indústria; desaparecimento das epidemias subsequentes à regressão das águas — em suma, o homem pôde pôr a seu serviço todos os reursos naturais, êle que é o mais nobre dêsses recursos

Quem ousará repetir a façanha com o Amazonas, cuja despesa fluvial lança no Atlântico mais de 300.000 metros cúbicos de sedimento por segundo?

É verdade que o engenheiro Prado Lopes imagina, poder barrar o Amazonas, em Óbidos, onde o seu curso é mais estreito. Já os srs. Kahu e Panero, do "Hudson Institute", pretendem fazê-lo próximo à foz, o que é muito mais ambicioso, e levaria à inundação de tudo que existe hoje entre Belém e Manaus. Seria o sepultamento das várzeas atuais, em troca do lago que deveria marginar as terras altas do maciço guianense e do Planalto Central Brasileiro, acreditadamente mais férteis, além da geração de energia hidroelétrica em números que duplicariam tudo o que se tem na geração de energia atualmente no Brasil.

Aí estão, apenas gizados, alguns traços do permanente desafio que o trópico úmido significa para o Brasil de hoje.

Já falei no domínio das águas do São Francisco para preparar uma conclusão ousada: a de que o desafio é menor e, consequentemente, a vitória do homem é mais provàvelmente próxima, na anexação do trópico sêco ou semi-árido a uma civilização de alto porte.

Ainda assim, não é problema de fácil solução. Os obstáculos enfatizados por Mário Lacerda de Melo — a pequena proporção de áreas agrícolas úteis e a escassêz de água — são problemas que requerem, de nós, gênio inventivo e pertinácia.

Do plano, é imperativo denunciar como altamente danosa, inclusive do ponto-de-vista da agricultura, a mera cópia de modelos alienígenas.

Ninguém mais insuspeito, para o Brasil contemporâneo, que Herman Kahn, para advertir contra êsses êrros. Em artigo publicado na revista PROGRESSO 65/66 (edição especial de VISION), sob o titulo "Nuevo enfoque del Amazonas", o discutido futurólogo condena a cópia dos modelos desenvolvidos, pelos países em desenvolvimento, aos quais recomenda a "aplicação lateral" da tecnologia. Em suas próprias palavras assim êle descreve essa opção:

"O emprêgo da tecnologia moderna, para ajudar o desenvolvimento, é uma noção muito simples, que geralmente é mal compreendida e ainda mais geralmente mal eplicada".

E continua Kahn: — "Há muitos outros casos em que uma boa tecnologia avançada é usada de maneira equivocada ou sem atenção às necessidades especiais e às peculiaridades do país. Assim, pontes, estradas de ferro, projetos hidroelétricos, etc., são geralmente construídos em nações em desenvolvimento, segundo modelos norte-americanos ou europeus, que em realidade são superdimensionados, muito caros e por vêzes até inapropriados e ineficientes, em têrmos de necessidades locais. Isto resulta em parte do gôsto pelo que "está em moda"; em parte por um brio profissional de técnicos dispostos a desenhar e construir "o melhor"; e, em parte, de uma má vontade emocionalmente enraizada, nos países em desenvolvimento, de aceitar o "segundo melhor", não o primeiro.

Um exemplo de como se poderia fazer "aplicação lateral" de tecnologia, que não é necessàriamente nem mais nem menos avançada que a melhor dos Estados Unidos, senão dela diferente, encontra-se na desmatação das selvas e remoção dos troncos. Normalmente isto se faz com tratores pesados, que os latino-americanos não produzem e em cuja compra gastam divisas preciosas. Cremos que em muitas regiões o trabalho poderia ser feito menos dispendiosamente e só utilizando a mão-de-obra e os recursos locais servindo-se de explosões reguladas. Os explosivos, que originalmente foram empregados na guerra anti-tanque, são hoje uitlizados em paises desenvolvidos, para obras de demolição em geral, como para remoção de troncos pesados. Contudo, não são competitivos nos países desenvolvidos, mas podem ser ràpidamente adaptados para pequenas operações, em países em desenvolvimento, com a fabricação local e utilizando mão-de-obra não qualificada, substituindo com vantagem trabalhos feitos com maquinaria importada e operários especializados.

Outros exemplos de possível "aplicação lateral" de tecnologia podem encontrar-se no uso dos aviões para semear a terra, para fertilizar as culturas agrícolas ou até mesmo para fazer clareiras nas matas".

Outro economista insuspeito, hoje, é John Galbraith. Sôbre a imitação em tecnologia, pelos países em desenvolvimento, êle tem uma página de admirável lucidez em "Desenvolvimento Econômico em Perspectiva", quando salienta que essa "imitação tecnológica" matéria de natureza sutil. Os subdesenvolvidos devem aproveitar a experiência das soluções já encontradas, que representam grandes investimentos e duro trabalho para chegar até elas. "Mas o importante — adverte Galbraith — é saber porque o problema foi solucionado. Constituirá um passo a frente em um dado momento, ou foi produto de aplicação universal? Não teria sido adaptação aos requisitos do próprio desenvolvimento avançado? O milho híbrido de alta produtividade, o método japonês do cultivo do arroz, o emprêgo aperfeiçoado dos fertilizantes, o processo L-D de produção do aço, por exemplo, constituem progressos de aplicação geral. Economizam todos os recursos. Mas grande parte da tecnologia dos paises mais avançados constitui, na verdade, uma acomodação à carência de mão-de-obra, ou reflete condições especiais próprias das economias mais desenvolvidas O colhedor mecânico de algodão e o moderno trator agrícola pesados representam inovações dêsse tipo. O seu uso nas propriedades agrícolas dos Estados Unidos refletem o fato de que a mão-de-obra contratável é extremamente escassa. Essa tecnologia não deve ser adotada por paises que se encontram nas primeiras fases do desenvolvimento. Fazê-lo significará o desperdício de recursos escassos e maneira segura de agravar o desemprego.

Por conseguinte, constitui sinal de planejamento sensato, para o desenvolvimento, inspirar-se nos países que se encontram em estágios mais adiantados. Mas é também sinal de sabio planejamento não fazê-lo".

Ainda, e finalmente, outra citação, esta de John Strachey.

CONTINUA

Ministro Falou de Desafio em Tropicologia

Ministro participando de banquete na Federação das Indústrias

CONTINUAÇAO

o saudoso escritor inglês, membro destacado do Labour Party. Falando aos indianos, êle disse:

"A mecanização das lavouras não dá maior produtividade por hectare. Seu objetivo é poupar mão-de-obra. É evidente que, se falta a mão-de-obra e há terra em abundância, como nos Estados Unidos da América, por exemplo, então a mecanização é uma política sábia. Mas, em países como a India e a China a posição é exatamente a oposta: falta terra e sobra mão-de-obra. Nestes países, não acredito seja correta uma política agrícola que economiza braços. Isto não significa que eu seja contra a agricultura científica. Ao contrário, para a India e a China alta produtividade por hectare é da maior importância. Mas para isso é o outro lado da ciência da agricultura que necessita ser aplicado. Não são debulhadoras, tratores e máquinas pesadas o que conta, mas os fertilizantes, as sementes selecionadas, os métodos aperfeiçoados de plantar e a irrigação. Em geral, o de que necessitais é do uso científico das indústrias químicas, não das indústrias mecânicas".

Não se infira, das citações que fiz, que sou igualmente contra a transferência da tecnologia moderna, para o Brasil. De modo algum: Sou contra, isto sim, à mera imitação, sintoma ainda forte de um colonialismo cultural residual.

Já que estamos falando de trópicos, é fôrça admitir que sobretudo os conselhos de Galbraith e de Strachey merecem ser meditados especialmente pelos homens públicos do Nordeste e do Norte.

Aqui, neste saliente brasileiro que investe sôbre o Atlântico, de maneira simplificada, mas não simplista, poderíamos dizer que os problemas do desenvolvimento enfrentam dois estrangulamentos patéticos:

— a explosão populacional;

— e a incapacidade, no estágio atual da tecnologia aqui aplicada, de auto-sustentar os quase 30 milhões de brasileiros, que aqui vivem, na maioria em condições infra-humanas.

Em têrmos de agricultura, neste caso penso como Galbraith e Strachey: a automação chega a ser um crime, se não se planeja o aproveitamento dos excedentes de mão-de-obra, que vão ser inevitáveis.

A índia teve a coragem de adotar uma política nacional de planificação familiar. Se Isso encontra justificativa quanto ao Nordeste, não a encontrará quanto ao Brasil como um todo, cuja Amazônia — mais de 50% da área territorial nacional — não conta senão com pouco mais de 3% da população brasileira.

É um deserto, no sentido demográfico da expressão.

Impõe-se, ao homem público, diante do impasse (excesso populacional x incapacidade de sustentação do solo) a formulação de uma política de âmbito nacional que vise:

— à maior produtividade agrícola;
— à preferência pela emprêsa de concentração de trabalho e não de capital, sempre que isso não signifique desperdício de poupança;
— ao remanejamento de mão-de-obra, em emprêsas colonizadoras agro-pecuária da Amazônia.

Quanto ao último objetivo, ou gostaria de chamá-lo de aplicação do princípio dos vasos comunicantes à demografia.

Daí, o meu maior entusiasmo pelo projeto da "Transamazônica", não como via de transporte, mas como eixo de colonização.

Acabamos de denunciar a cópia, por mero espírito de mimetismo, de tecnologia dos avançados. Que copiar dêles, em matéria de experimentos nos trópicos? Creio que muito pouco, ou nada, pois somos nós os detentores da área tropical e, como sabemos, ela é a última parte do ecúmeno a ser conquistada para a civilização.

Por isso, quero enfàticamente saudar a visão impressionante dos que criaram êste seminário de tropicologia. Os Estados Unidos, por exemplo, estudam os trópicos úmidos em Puerto Rico, que, jocosamente, costumo dizer que "não é tão úmido, nem tão trópico".

A nós cabe a tarefa maior. Daí a importância da sistematização dos estudos que neste Recife se fazem, sob a inspiração e direção de nosso mestre da Antropologia, refugiado no seu Apipucos, cercado de flora exuberante e embalado pelo ciciar das cigarras.

Não sei se a Tropicologia, como a Geopolítica, será mais uma pseudociência; o que sei é que no estágio atual do desenvolvimento brasileiro, êste Seminário é de valia inestimável, pelo que me rejubilo de a êle estar associada a Universidade Federal.

Se, de certo modo, não é difícil produzir uma "receita" para o desenvolvimento dos trópicos secos ou semi-áridos; parece-nos bem mais difícil formular uma política adequada ao desenvolvimento da Amazônia.

É sôbre ela, acêrca dos trópicos úmidos, que desejo dizer as palavras finais desta palestra.

Quero, desde logo, adiantar algumas afirmações, que faço certo do alto grau polêmico de suas consequências:

— Não levo a sério, pois não passa de "blague" de mau gôsto, a opinião de alguns brasileiros de que melhor fôra devolvermos a Amazônia à Espanha, em nome do Tratado de Tordesilhas, oferecendo ainda indenização pela ocupação indevida, por 350 anos;

— não me alinho entre os que acham que a Amazônia foi objeto de séria cobiça estrangeira no passado, o que não me impede de admitir que possa sê-lo no futuro imediato, em têrmos que não incluem, é evidente, a ocupação militar;
— acho que a Amazônia não pode ser colonizada à base, apenas, de nossas unidades militares, mas de um esfôrço concentrado de imigração preferentemente nacional, e cientificamente organizado;

— creio que a partir das palavras do dr. S. Chandrase-Khar, registradas no seu livro "Hungry People Empty Lands" (Londres, 1954) e repetidas sob fortes aplausos no plenário da ONU, agravou-se o problema da Amazônia, do ângulo da segurança nacional;

— concordo em que não seria possível, mesmo que o Brasil aplicasse tôda a poupança nacional em ocupar a Amazônia (o que é absurdo), obter um resultado favorável em curto ou mesmo em médio prazo;

— sustento que os solos da Amazônia nem permitem concluir que ela venha a ser "o celeiro do mundo", com que sonhou Humboldt, nem que impeça, como afirmam alguns poucos pessimistas, a sustentação de uma população expressiva.

Admitindo estas premissas, é possível formular uma política nacional para a ocupação dos trópicos úmidos, partindo do princípio de que sua colonização pode e deve dar-se a partir do excesso de mão-de-obra do Nordeste, desde que se observe um plano de ação judicioso e exequível.

Já me referi à política demográfica de "vasos comunicantes". A Transamazônica me parece um instrumento válido, como estrada de penetração e via de acesso de colonização. O Govêrno acaba de reservar suas margens, até 100 Km de cada lado, para nelas instalar os nódulos de colonização em esfôrço em que se conjugam os Ministérios do Transporte, Agricultura, da Educação, da Saúde e do Trabalho, tudo para evitar as improvisações que, ainda recentemente, comprometeram a colonização ao longo da Belém-Brasília.

A Universidade e os órgãos de pesquisa são essenciais, para o bom êxito de um programa racional de colonização que, sobretudo na Amazônia, por ter a maior floresta densa do mundo, deve voltar-se para a Silvicultura, o que requer recursos humanos treinados e tecnologia adequada. Note-se que nenhuma das Universidades sediadas na Amazônia tem um só curso de engenharia florestal.

Um dos mais sérios óbices ao povoamento rural é a insegurança da posse da terra. Isto estará solucionado, com a colonização organizada. Mas é preciso, concomitantemente, pensar num "Sistema de agricultura", como o recomendado pelo Instituto Interamericano de Ciências Agrícolas (OEA), ao cabo da reunião internacional, para o estabelecimento de um Programa Cooperativo para o Desenvolvimento do Trópico (Lima, 1966).

Para estabelecer tal sistema, a primeira recomendação foi obter mais informações sôbre as práticas agrícolas em vigência, representadas por uma agricultura itinerante, ou migratória, e uma criação extensiva de gado de baixo nível. A "plantation" foi, desde logo e apesar de superior à agricultura de migração, desaconselhada em face de razões sociais.

O que se verifica, da leitura dos consideranda das recomendações é a denúncia gritante de inexistência de informações, de ausência de pesquisas e da falta de capacitação de pessoal, tanto a nível médio, como a nível superior.

Só para dar um exemplo de como a falta do pesquisador e experimentações não se limita à agricultura, desejo realçar o fato de ter a Amazônia (inclusive a estrangeira) superfície superior a 6 milhões de Km2, dos quais 80% revestidos de floresta, é entretanto não possuir uma só fábrica de papel e celulose em dimensões aceitáveis.

Importante é notar que não há, pròpriamente, desconhecimento dos trópicos, mas falta de difusão dos conhecimentos, nenhum intercâmbio de vulto entre organizações que trabalham, nas Américas Centro e Sul, como compartimentos estanques.

Sugiro que se faça um contacto dêste Seminário com o Centro de Ensino e Investigações de Turrialba — Costa Rica, bem como com o centro de estudos de trópicos úmidos de San Juan de Puerto Rico.

Finalmente, admito útil que s come, p a estudo, o Programa de Desenvolvimento do Trópico Ameri ano", com qual o Brasil se pôs de acôrdo em Lima, em 1966, no que t ge à agricultura.

O Programa é cooperativo e multinacional, dado que o desenvolvimento agrícola do trópico é, ainda, um problema complexo que exige uma ação conjunto, supranacional. Não se trata, é claro, de tentar reeditar a "Hiléia Internacional", mas intercambiar metòdicamente experiências levadas a cabo pelas instituições nacionais, visando aos três objetivos seguintes do Programa:

a — criar uma consciência sôbre o desenvolvimento dos trópicos e promover a busca de soluções para os seus problemas, em consonância com suas características particulares;

b — estimular a investigação e a difusão de conhecimentos sôbre os trópicos e a criação de uma metodologia para a sua aplicação eficiente;

c — realizar uma ação sistemática do estímulo e apoio às instituições nacionais, e promover a integração, a nível nacional e internacional, dos esforços que se realizam nos distintos países para criar, difundir e aplicar conhecimentos ao desenvolvimento dos trópicos.

A partir dêsse Programa, adstrito à agricultura, pode caminhar-se para outro mais amplo, de natureza compósita, a que não faltem, por imprescindíveis, o sociólogo, o sanitarista, o humanista, o médico, o antropólogo, o geógrafo, o empresário, enfim todos os que estão envolvidos no grande desafio do nosso tempo, que é domar os trópicos e pô-los a serviço da humanidade.

Mais do que a definição filosófica do que o "homem é o animal que se adapta" prefiro, para concluir estas palavras, a definição do geógrafo, de que o homem é um animal, em relação ao ambiente, mais condicionador que condicionado.

O homem é o instrumento da mudança da paisagem; o que rasga canais ligando mares; o que muda o curso de rios; o que faz estradas na planície como nas montanhas, no deserto como nas florestas; o que domina os espaços aéreos e, como se fôsse pouco, se adentra no cosmos e pisa na lua. O homem, se me permitem a blasfêmia, é quem corrige, na terra, a obra inacabada do Criador, que afinal só dispôs de seis dias para o seu trabalho...

É a êste homem que os trópicos se apresentam como desafio, ainda não totalmente vencido.

Spinosa ensinava que "é melhor falar ao homem de sua liberdade, que de sua escravidão".

Neste caso, prefiro falar da grandeza do homem, que de suas limitações temporárias, em face da natureza dos trópicos, pois a sua vitória sôbre o desafio pode e deve ser contada a partir do instante em que o aceite.

Nós, de nossa parte, já o aceitamos neste Seminário

GILBERTO FREYRE SAÚDA PASSARINHO

"Êste Seminário, afirmou o escritor Gilberto Freyre, desde o início de sua atividade pioneira, vem primando em procurar ouvir a palavra e recolher o saber não só daquêles que representam podêres política e econômicamente dominantes, quer em espaços, quer nos tempos sociais, como dos próprios jovens de vinte e poucos anos, excepcionais pela inteligência ou pelo saber; e dos próprios provetos de idade superior não só a sessenta e cinco anos como a setenta. Tal vem sendo o caso, neste Seminário, do sábio Froes da Fonseca: antropólogo atualíssimo na sua ciência e lucidíssimo de inteligência que, já homem de mais de oitenta anos, enriqueceria, como não o poderia ter feito antes, quer, de modo particular, os Anais dêste Seminário, quer, por êsse meio, a cultura não só brasileira como transbrasileira.

É que o Seminário de Tropicologia da Universidade Federal de Pernambuco vem procurando contrariar tanto o preconceito do especialismo científico, como o preconceito — hoje, no Brasil talvez mais pernicioso que o de classe ou o de raça — da idade; e reunindo, com evidente vantagem, em tôrno de problemas tropicais e visando o desenvolvimento de uma tropicologia geral, segundo concepção brasileira cuja validade científica já foi proclamada pela Sorbonne, saberes os mais diversos, tanto científicos como humanísticos, tanto literários como artísticos; representantes de tendências também diversas — conservadoras e radicais; e, de modo significativo, expoentes de várias gerações; brasileiros de várias regiões e camadas sociais; brasileiros e estrangeiros de diversas etnias. Aqui, desde as primeiras reuniões do Seminário, se valoriza o "saber de experiência feito". Aqui vem sendo valorizado de modo incisivo o saber dos experientes. Dos homens de ação. Dos práticos. De industriais. Dos homens-formigas sem desprêzo pelos homens-cigarras. Pode-se, talvez, considerar êste Seminário — repita-se — um dos redutos de resistência lúcida a alguns dos preconceitos mais fortes no Brasil de hoje: o dos especialismos científicos fechados; o das gerações segregadas; o de homens de ação desdenhosos por homens de estudo e os de estudo desdenhosos pelos de ação no trato de problemas que pedem a cooperação dêsses extremos em vez de se beneficiarem com a exclusão de qualquer dos dois.

O conferencista de hoje corresponde à amplitude de critério que vem orientando os trabalhos dêste Seminário e a convocação de competências para dêles participarem. Pela idade, combina extremos: pertence à classe média no tempo sem deixar de estar sempre em contato, como homem atento a problemas de educação, com os muitos jovens e até com os adolescentes, no plano da cultura, e, como intelectual e até acadêmico literário, sempre em convívio com êsses egrégios senados intelectuais que são as academias e os institutos científicos e históricos. É homem de estudo e é homem de ação. Homem de letras e homem público. É especialista e é generalista: "técnico em idéia gerais", até, do feitio daquele seu eminente colega francês que foi o Coronel, depois General Liautey. É militar do mais saudável tipo e vivil sensível aos problemas atuais de um cidadão brasileiro empenhado em que aqui se desenvolva uma organização nacional em maior harmonia com a situação específica do país, em vez de imitada ou copiada de modêlos estrangeiros. Além do que, é brasileiro nascido e criado no tropicalíssimo extremo Norte, já tendo governado de modo exemplar o Estado do Pará, que passou depois a representar no Senado da República. É Ministro da Educação e Cultura, depois de ter sido Ministro do Trabalho. Autor de trabalho de interêsse literário, sabe redigir, sabendo também discursar, sem excessos nem de solenidade acadêmica, nem de simplismo demagógico.

É assim um membro nato dêste Seminário. Aqui pode e deve sentir-se mais à vontade que em qualquer outro colégio intelectual do nosso país.

Palavras do Prof. Barreto Campello

"Queira V. Exa., sr. Ministro Jarbas Passarinho, interpretar os meus modestos comentários à sua culta e deliciosa conferência como dirigidos ao brasleiro autêntico, ao patriota envaidecido do seu país e a êle sentimental e racionalmente dedicado, enfim, ao estadista que V. Exa. é, com poder ou sem êle.

Peço vênia para acentuar o enderêço certo do que direi, porque a súmula de uma longa e tumultuada vida me ensinou que os postos de mando são simples incidentes (às vêzes acidentes) na carreira dos homens públicos.

Veja-se o mar nas suas bruscas variações. Ora êle se embala, chão e espelhado, ora se eleva em vagalhões que, às vêzes, atingem as loucas violências do maremoto. Assim é a política sem a qual não podemos, todavia, passar, pois o homem, como já se disse, é um animal político.

Eis porque, confessando lealmente a minha insignificância, exerço, porém, em tôda plenitude, o direito que Maeterlink proclamou, mas que, expressamente, escapou à carta das Nações Unidas, a saber: *"o direito de todo homem ser tal qual é"*. E eu só sei admirar e aplaudir os cimos humanos, estejam êles onde estiverem, na planície ou na montanha.

Aqui estou apenas porque seria indelicado e até impatriótico excusar-me ao generoso convite de Gilberto Freyre, que tão lúcida e esforçadamente dirige êste Sminário de Tropicologia e cujos serviços, além de originais entre nós, são inestimáveis para a restauração do bom nome da terra e da gente do Brasil.

Sou do tempo em que era de moda repetir-se servilmente a leviana sentença: *"onde cresce a bananeira não floresce a civilização"*, e penso não cometer injustiças ao afirmar que contra essa corrente depressiva houve poucos, mas bravos cavaleiros andantes: o Conde de Afonso Celso, no seu magnífico ufanismo; Pandiá Calógeras, no livro *Res Nostrae;* Gilberto Freyre em tôda a sua vida literária e científica, mas sobretudo e especificamente, ao lado de seus leais companheiros, neste Seminário; e V. Exa., sr. Ministro Jarbas Passarinho, em Terra Encharcada e nessa sua conferência, na qual, sem perder o equilíbrio do julgamento e a justa proporção na análise dos fatos, entôa um canto de amor ao Brasil, à nossa terra e à nossa gente, além de um grito viril de reação contra os que ainda tentam deprimir-nos e amesquinhar-nos.

Excusa-se V. Exa., modestamente, diante do assunto que êste Seminário lhe distribuiu por não ser, de ofício, nem geógrafo, nem antropólogo, nem sanitarista, nem sociólogo, dadas as íntimas e evidentes conexões que o assunto tem com essas ciências; mas eu me aventuro a afirmar que nenhuma dessas ciências é capaz, por si só, de decifrar o enigma do homem diante do desafio do trópico, inclusive na sua área super-úmida.

Também não se inclui V. Exa. entre os técnicos de idéias gerais. A propósito de uns e outros, ocorre-me o juizo pitoresco e malicioso de Ralph Barton Penny:

> O especialista conhece cada vez mais em relação a cada vez menos, até chegar à perfeição de saber quase tudo sôbre nada; ao passo que o generalista conhece cada vez menos em relação a cada vez mais, até saber pràticamente nada sôbre tudo".

Para não me ferir nas farpas ponteagudas dessa crítica, eu me situo em outro plano: no homem.

Tenho para mim que a Tropicologia é de tal modo extensa e complexa que nenhum especialista de qualquer daquelas ciências, que se restrinja ao âmbito da sua especialidade, poderá resolver os seus problemas que são os do homem, pois a terra, sem a tônica e a correspondência humanas, nada significa.

Assim, tenho por certo que o homem brasileiro, quando a amálgama das raças, de que êle procede, chegar ao seu tipo definitivo — a metaraça a que se referiu Gilberto Freyre no seu formoso discurso dos Montes Guararapes, formará, quem sabe, o denominado Homem Dourado na previsão de um etnólogo indú.

O desafio do trópico não é apenas um problema geográfico nem antropológico, nem médico, nem social. É muito mais do que isso: nutre-se parcialmente dos contingentes de todos êsses conhecimentos, mas a sua solução depende essencialmente de uma síntese que excede o âmbito de tôdas essas ciências e da visão global e generalizada da sua problemática para se alçar à altura do homem. Eis porque, diante da erudição com que V. Exa. tratou o assunto e da sua vasta experiência pessoal, que não posso atingir, eu, sem credenciais, me aventuro a comentá-lo, arrimando-me apenas no que na antiguidade afirmou o escravo grego Terêncio: *"homem sou e nada do que é humano me é estranho"*.

Como V. Exa. tão bem situou o assunto, o trópico não é o celeiro do mundo da previsão de Von Humbolt nem o inferno verde de Euclides da Cunha. É, sim a maior extensão do mundo que só veio a ser descoberta quando, em uma parte dêle, o homem já lutara e vencera, através de séculos, a hostilidade do seu mieo natural. Nisso e talvez em nada mais consista a desproporção atual entre aquela e esta parte do mundo.

Realmente, quando as legiões romanas se embrenharam nas selvas das Gálias (hoje a dôce França dos poetas), encontraram perigos e hostilidades diversos, nas equivalentes aos da selva amazônica, talvez mais graves porque os romanos não dispunham dos nossos atuais conhecimentos científicos.

Tôda a costa do Mediterrâneo, inclusive a Côte D' Azur. hoje paraiso dos milionários e celebridades de todo o mundo, fôra outrora uma simples sequência de pântanos e aldeias lacustres, dizimadas pelo tifo. As ilhas do Mediterrâneo eram totalmente desertas, insalubres e inabitáveis, muito mais do que hoje o é a Amazônia, onde, aqui e ali, há raros núcleos de escasso povoamento. Ali só viviam (se viviam) os prisioneiros que a legislação romana punia com a *dannatio in insulam*, pena mais cruel do que a de morte, pois importava em morte lenta e agônica, a longo prazo.

A audácia, os sofrimentos e a pertinácia do homem venceram todos êsses obstáculos até que essa parte do continente europeu atingisse o seu atual estágio de civilização e progresso.

É que Deus, o bom Deus, como carinhosamente o chamam os franceses, não quis, na sua infinita sabedoria, criar-nos como autômatos. Fêz-nos colaboradores da Sua obra. Deu-nos a natureza com as suas leis inflexíveis e inteligência para que a estudassemos e disciplinassemos as suas fôrças, convertendo-as ao nosso serviço. O homem é, realmente, o Rei da Criação e só quando se caricata ou perde o ânimo é que indaga, como na marcha carnavalesca — Quei rei sou eu?

Em tais condições, tenho por feliz o futuro do trópico onde vivemos porque confio na inteligência, na energia e no patriotismo do homem brasileiro.

As sugestões de V. Exa. a respeito do plano para o desenvolvimento da riqueza nos trópicos são deveras impressionantes quando adverte o país contra a cópia de processos que são realmente úteis e proveitosos em outros países mas onerosos e até contraproducentes entre nós.

Já o sr. Afonso Arino de Melo Franco, neste Seminário, taxara, com razão, a nós os brasileiros, de sermos copistas.

A ciência é, na verdade, universal mas a tecnologia depende visceralmente das condições locais. A explosão demográfica do Nordeste é, por exemplo, um dos inconvenientes dessa área a ponto de que alguns propõem refreá-la com a redução da natalidade, solução que me parece semelhante a de quem propusesse a curar vida com a morte; essa explosão, como tão bem V. Exa. acentua, se posta em plano nacional, resulta na carência de gente que ocupe os vasios de nosso território. Já o disse, também, o Presidente Médici em delicioso e expressivo trocadilho: *"gente sem terra e terra sem gente"*.

Aliás, até agora temos desprezado um enorme e barato contingente para povoamento da Amazônia — os presidiários .Cêrca de 15.000 homem apodrecem nas cadeias do litoral ao passo que lá poderiam prestar excelentes serviços.

A repulsa emocional ao criminoso e o tabu científico da hereditariedade criminal até impediram-nos de usá-los no desbravamento e colonização da Amazônia.

Esquecemo-nos de que o lastro dos povoadores do Brasil nascente encntrou nos condenados de Portugal ótimos colaboradores. Nos Estados Unidos da América do Norte e na Austrália, a Inglaterra despejou também os seus condenados. Por tôda parte os resultados foram os mesmos, não obstante a transportação de criminosos tivesse sido feita sem ordem, nem plano, nem assistência de qualquer espécie.

Fêz-me particular impressão o alerta de V. Exa. contra o complexo de inferioridade que nos tortura e contra o qual devemos por todos os meios reagir. Sem orgulho nem fanfarronadas, somos um povo e uma nação, não temos de baixar a cabeça diante do mundo.

A tecnologia agrícola e pastoril entre nós não carece de mecanização, senão em parcela insignificante. Temos milhões de máquinas humanas que trabalham a preço vil.

Em tais condições, o nosso progresso agrícola, como, aliás, tudo no Brasil, só depende de vulgarização de conhecimentos científicos. de educação enfim.

Felizmente está em boas mãos, as de V. Exa., o Ministério da Educação, base do desenvolvimento nacional. E o que V. Exa. propõe a êste Seminário é que a tecnologia aqui aplicável esteja em harmônia com as nossas e não alheias cricunstâncias. Nós mesmos é que devemos criá-la. As cópias não nos servem.

Entre as penetrantes e sábias idéias da sua conferência, destaco com especial relêvo pelo seu significado e pelo seu estupendo efeito verbal, a possibilidade de funcionarem entre o extremo Norte encharcado e a zona semi-árida do Nordeste, os mesmos efeitos da teoria dos vasos comunicantes. Quisera, contudo, que isso não ficasse em simples metáfora demográfica.

Quem sabe se poderemos ampliar essa idéia e resolver simultâneamente o dilúvio da bacia do Amazonas para desencharcar as suas terras e matar a sêde dos muitos sertões nordestinos?

Um tal projeto excede, realmente, tudo quanto podemos atualmene conceber; mas a verdade é que, no planejamento do grande Brasil que seremos, ficará sempre aquém da realidade quem não se aventurar além da imaginação.

Syleno Ribeiro Comenta Conferência do Ministro

Para comentar a conferência do ministro, foram convidados os professôres Barreto Campelo e Syleno Ribeiro de Paiva. Eis as palavras do Jurista Barreto Campelo:

"O Sociólogo-Antropólogo Gilberto Freyre já demonstrou, através de sua obra admirável, que há uma maneira de ser do homem dos trópicos. Maneira de ser que tem as mais diversas manifestações. Assim na arte, como representação da Vida, e dêste homem tropical. Assim na política, que no meu sentir — também é, de uma certa maneira, manifestação de arte e beleza, ao procurar harmonizar os conflitos humanos. Dos homens entre si, e dêstes com a natureza.

O tema propôsto para esta Reunião foi deveras ambicioso. Sugeriu a análise do desafio que o trópico constitui para os atuais homens públicos do Brasil. Dessa forma, e a uma realidade múltipla como a tropical, aditou a noção de atualidade, e quis que perante o todo se situasse o homem público. Êste, em tanto que reunião angustiada em uma única personalidade, de tantas e tão distintas individualidades por êle representadas e que através dêle se buscam exprimir.

O convidado, foi o digno e ainda jovem Ministro Jarbas Passarinho.

A conferência por êle proferida — o Seminário já sabe disso — revela-se dominada pela presença amazônica; suas vicissitudes, suas promessas, o sentido de "eixo de colonização" reconhecido à rodovia que a penetrará e a integrará.

E logo me parece cabível indagar se êste fato, por si só, não reflete a fôrça das condicionantes da Amazônia — mundo eminentemente tropical — sôbre o homem público ora conferencista, a ela, política e emocionalmente vinculado. Realidade manifesta e agressivamente amazônica, sobrepondo-se em inteligente homem público brasileiro convidado a falar sôbre o desafio dos trópicos, à visualização, na conferência, de outras áreas tropicais, ainda que brasileiras. E lhe impondo a fixação daquela temática que se confunde com a sua própria experiência vital, nela contida, o exercício da atividade pública.

Efetivamente, o mundo tropical mais presente na conferência, é um Mundo Amazônico. Não aparece a cana de açúcar, por exemplo. Não se refere o cacau, tampouco. O homem que surge é, ora o caboclo colhedor de castanha; ora o imigrante japonês, capaz de pertinácia revelada no plantio da juta e da pimenta do reino; ora, finalmente, o homem que faz falta à Amazônia — deserto demográfico — e que existe em excesso no Nordeste Brasileiro. Por tôda a parte, no texto, as preocupações do homem público perfeitamente localizado; enfrentando a atualidade da hora amazônica e contribuindo com o esfôrço exigido pelo seu desenvolvimento e pela sua integração. O desafio Tropical que se apresenta ao homem público que fala, é, sobretudo, o desafio que êle viu desde cêdo. Donde, êle próprio, refletir, na posição espontânea e naturalmente adotada na conferência, a predominante existência em si próprio, de um homem situado no trópico, ou, ainda mais precisamente, de um homem mais fortemente stiuado na Amazônia.

Esta, a primeira meditação que me veio ao espírito de Comentador.

Já foi reconhecido que "o estudo dos diversos problemas da Tropicologia, analisando a aclimatação das sociedades humanas nos trópicos, bem como a estrutura dos processos e relações sociais que se desenvolvem em tais áreas de convivência, tem sua viva importância no campo da Sociologia Contemporânea".

O espírito poderosamente criador de Gilberto Freyre já assinalou que "a tropicologia se liga tanto à Sociologia da História e à própria História, como a uma ainda em começo Futurologia".

Dúvida não tenho, que mais cedo ou mais tarde, ela haverá de prestar contribuição valiosa ao processo de racionalização da conduta do Homem situado nos trópicos. Por essa via, dará substância, entre nós, a novas formas e a inovadores modêlos institucionais, especificamente brasileiros. Nisto, o artista brasileiro terá se antecipado ao jurista brasileiro. Terá revelado através da sua arte, com meritória antecedência, aquelas realidades tropicais que hão — de ser mis adequadamente apreendidas e disciplinadas pelo jurista brasileiro em futuro que acredito próximo.

Provocaram-me essas considerações, a necessidade argutamente apontada pelo Conferencista, do que denominou "uma aplicação lateral da tecnologia". Decisivo apoio à transferência da tecnologia moderna para o Brasil. Mas, ao mesmo tempo, recusa a mera imitação, havida como sintoma de um colonialismo cultural residual".

Daí, partiu a provocação para o saber que me cativou e ao qual me dedico.

Daí, nasceu a necessidade de afirmar aqui, a conveniência do homem público brasileiro e do jurista brasileiro, em particular, dar asas à sua criatividade no plano institucional. E isto, através da recusa definitiva à mera imitação de modêlos institucionais alienígenas, e da busca incessante no sentido da descoberta dos modêlos institucionais que nos convêm. De forma a que — sem sacrifício do que há de essencial e permanente no Direito — seja possível promover, também nesse campo e da maneira mais real possível, uma adequação da lei ao homem tropical e às realidades humanas tropicais que ela objetiva disciplinar. Que nós sejamos Federação, por ser o regime federativo o mais compatível com as presentes realidades brasileiras, se fôr o caso. E não, por haver o modêlo federativo prestado relevante serviço à organização política de outra Nação, ainda que triunfante e predominante no sistema a que outros ideais nos filiam. De maneira que a preocupação de eficácia concreta, esteja tão presente na elaboração de norma jurídica, como na adoção do sistema econômico, por exemplo.

Assim acontecendo, não se exigirá de jovens professôres brasileiros, como se exige de mim, por exemplo, que ministre aulas de Direito Comercial Marítimo, à luz de um Código Comercial que data de 1850 época tão anterior às transformações radicais que se operam no fato técnico da navegação daquela a esta data. Há, portanto, e também, inadiáveis carências de atualização.

Atento ao fenômeno em seus contôrnos mais gerais, o respeitável jurista brasileiro que é o civilista Orlando Gomes, já ensinou no seu extraordinário livro "A Crise do Direito", que:

> "A teimosa persistência no atual ciclo histórico de valores jurídicos que não sucumbiram com o nascimento da nova estrutura social possibilita a existência da instituições caducas, que só conseguem adaptar-se às novas condições mediante processos artificiais, quase todos de compulsão.
> Infelizmente, a importância fundamental que tiveram nos regimes anteriores permite que se projetem no quadro das relações atuais, com tão vivos contornos, que esbatem a imagem imprecisa das inovações tímidas. A influência que exercem é, realmente, dominadora e, por assim dizer, absorvente".

E, ainda,

> "É preciso não ignorar a realidade sociológica subjacente à realidade jurídica, para a qual Delos chamava a atenção, salientando a importância da concepção institucional do Direito de Hauriou e Renard. Contudo, não basta. O jurista há que ter sensibilidade, muita sensibilidade para compreender os fatos da vida real em sua fôrça criadora e em sua palpitante atualidade.
> Tôda a existência humana desenrola-se numa esfera de juridicidade. Mas, o direito conserva-se ausente para milhões de seres, enquanto se abarrota de preceitos que interessam, raras vêzes, a meia dúzia de afortunados. Os exemplos pululam. Todos os autênticos juristas os conhecem. É a vida que foge dos Códigos.
> Não deve surpreender, dêste modo, que aquêle desprêzo pelo direito, que é um sentimento generalizado entre as grandes massas, se aposse até mesmo de exímios cultores da ciência jurídica".

E, finalmente, dando a palavra ao inolvidável Presidente Roosevelt, em disurso tornado famoso e por êle pronunciado em Filadélfia:

> "a era da maquinária, dos caminhos de ferro, do vapor e da eletricidade, do telefone, do telégrafo e do rádio, da produção em massa e da distribuição em massa, tudo isto se combinou para produzir uma nova civilização na qual surgem novos problemas para aquêles que pretendem continuar sendo livres. Nessa civilização, reis da economia têm criado novas dinastias. Novos impérios têm-se edificado mediante a concentração do poder sôbre os meios materiais de produção. Mediante nôvo uso das emprêsas, dos bancos, da maquinaria industrial e agrícola, do capital e do trabalho — uso que os nossos pais não podiam sonhar sequer — a estrutura inteira da vida moderna foi reduzida ao serviço dessas dinastias. A nova realeza não deixa lugar, na coordenação das cousas, aos pequenos comerciantes e homens de negócios que pretendiam usar legitimamente o sistema americano da livre iniciativa. Nem êles, nem os camponeses, nem os operários são livres. Nem mesmo os ricos honrados e conscientes dos seus deveres para com a humanidade sabem qual é o seu lugar na nova sociedade. Era natural e humano que os príncipes privilegiados dessas novas dinastias econômicas, sedentos de poder, se apossassem do govêrno para criar um nôvo despotismo, encoberto sob o manto de formas legais. Como resultado de tudo isso, o homem anônimo dos nossos dias confrontou uma vez mais o mesmo problema que os nossos libertadores enfrentaram — Democracia, não tirania; liberdade, não submissão".

Efetivamente, não me parece que possa haver nada verdadeiramente humano que não interesse vivamente à ciência jurídica. Logo, neste tempo brasileiro atual, dentro do qual o nacional se descobre admirado das próprias descobertas e do poder crescente que vai começando a ser o seu, convém que o Direito, entre nós, investigue em profundidade os problemas angustiantes postos pela evolução moderna do Brasil. E, também, analise de forma crescentemente competente — para melhor disciplinà-la — a função do homem e das coisas brasileiras, ambos olhados numa perspectiva que por igual alcance os ângulos individuais e coletivos, os quais não se podem dissociar, numa sociedade que demanda Paz. Análise esta que, a tôda a evidência, há que olhar para além das realidades meramente nacionais, na penetrante e necessária visualização do universo inteiro. De forma a que o nacional, seja uma dimensão do universal. Um momento vivido em determinado lugar, mas integrante do processo de evolução histórica do Homem.

No desempenho desta missão global, o homem público brasileiro, no meu sentir, assume deveres altíssimos. Cabe-lhe prescrutar as verdades do tempo e cuidar de as interpretar em consonância com os ideais nacionais. E fazer isto de tal forma que possa atender à carência fundamental de não prescindir do conhecimento o mais veraz possível, do mundo tropical no qual se vive, e das relações que êsse mundo tropical entretém — e que são decisivas para todos — com os outros mundos, êstes, não tropicais.

Tem sido dito e repetido que na hora atual — em clima de Esperança e Angústia — o homem se encontra em nova fase da sua história. E que, dentro desta nova fase histórica, se operam mudanças profundas e rápidas. As exigências de mudança e a efetivação de algumas mudanças, estão por tôda a parte: no homem, nos seus propósitos, nos seus atos concretos, na própria maneira dêle ver as coisas e de pôr essas mesmas coisas a seu serviço. Tudo isto, dando lugar ao surgimento de um sem número de problemas. Sobretudo, naqueles países, em que, como no Brasil, às angústias próprias dêste tempo — tempo naquele sentido de "tempo social", tão lùcidamente invocado pelo sociólogo Renato Carneiro Campos — em anterior etapa dêste Seminário — são acrescidas esperanças irrealizadas, tanto no plano econômico, como no plano político e social. Priñcipalmente nestes países, o homem público se descobre sem o direito de hesitar sôbre os rumos que deve adotar, tão evidentes e urgentes são os "por fazer". Fácil, é concluir, a partir daí, o fascínio e a responsabilidade que caracterizam a vida pública brasileira atual a ser necessàriamente levada a têrmo, em mundo tropical, frequentemente dramático.

Tudo isto aflora ao espírito, ao ler a conferência trazida a debate neste Seminário, e ao entrever a paixão com que ela foi escrita. Cada palavra parecendo porejar vida vivida, angústia sofrida e preço efetivamente pago. É assim a vida pública em país tropical: angústia que extravasa e esfôrço desesperado no sentido da quitação do débito elevado que se reconhece como existente, e, cujo credor é a sociedade brasileira tôda inteira.

Em dois pontos, e com a devida vénia — pequenas discórdias do Comentador, em relação ao texto que comenta.

A primeira delas, diz respeito aquilo que na conferência me pareceu ser — salvo equívoco da minha parte — simpatia pela adoção de políticas nacionais de planificação familiar, inclusive no respeitante ao Nordeste Brasileiro. Em verdade não podendo olhar o Nordeste Brasileiro como uma ilha e concordando com o conferencista em que há no Brasil desertos, "no sentido demográfico da expressão", não me incluo entre os adeptos daqueles recursos.

Aliás, aqui mesmo neste Seminário, pela voz autorizada do nutrólogo Dante Costa, já foi afirmado que;

> "A verdade é que o neomalthusianismo nada mais representa, psicològicamente que uma tentativa que fazem os países desenvolvidos de libertarem-se do seu complexo de culpa em face dos deveres que lhes assistem para com o terceiro mundo, o mundo tropical. O neomalthusianismo é a conscientização do mêdo; é um esfôrço para tranquilizar as consciências aflitas dos países que muito têm a se apavorarem em face do clamor dos que carecem do mínimo de poder econômico em mãos nacionais. Descobriram uma realidade que os inquieta: as populações sub-desenvolvidas do mundo precisam ser ajudadas, efetivamente, a libertarem-se da pobreza e do sub-desenvolvimento, pois aí reside a gênese de todos os males sociais e a raiz de muitos dos seus problemas sanitários, nutricionais, biológicos. Tais populações já perceberam que não estão sendo efetivamente ajudadas quando se lhes oferecem programas meramente assitenciais, destinados a abrir escolas, hospitais ou cantinas, sem um pensamento no sentido de fortalecer a economia do homem que necessita dessa escola, dêsse hospital ou dessa cantina e que continuará a ser um consumidor fraco e um produtor débil depois de frequentá-los".

A segunda das duas discórdias, diz respeito a um fato que me alegra. Estou liberto da dúvida que parece remanescer no ilustre Conferencista, sôbre a possibilidade de vir a Tropicologia a ser havida como uma "pseudociência". Efetivamente, estou certo de que ela restará como a mais valiosa contribuição prestada pelo Brasil às ciências do Homem em geral, inclusive pelo entendimento científico do trópico que ela vem propiciando ser alcançado.

Noutros pontos, simples observações curiosas:

1. Será que conservados os parâmetros da presente disciplinação constitucional de ordem econômica brasileira, é verdadeiramente possível a formulação de uma política de âmbito nacional que vise "a preferência pelas emprêsas de concentração de trabalho e não de capital, sempre que isso não signifique desperdício de poupança"? Estou de acôrdo com a idéia principal. Acho até que seu desdobramento necessário, conduzirá a longo têrmo, a uma promissora humanização da economia. Todavia, comunico dificuldades que me parecem existir a respeito.

2. Há realmente quem tenha pensado que a Amazônia pode ser colonizada "à base apenas de nossas unidades militares"?.

Cuido de haver tomado conhecimento nessa matéria, tão sòmente, de pensamento favorável à atribuição de uma função pioneira às nossas unidades militares, nesse campo. Até como forma de, aliado a outros, êste fato dar mais fôrça àquela certeza que domina o Conferencista e a todos nós, de que a eventual cobiça estrangeira no futuro imediato relativamente à Amazônia, não se poderá exprimir jamais, em têrmos que incluam a ocupação militar

Nesses rumos, indiscutível, por exemplo, a meritória função civilizatória exercitada na Amazônia pela Fôrça Aérea Brasileira, através do Correio Aéreo Nacional, pelo Exército Nacional, através dos batalhões fronteiriços existentes na área e pela Marinha de Guerra, através do levantamento hidrográfico e a publicação de Cartas Náuticas do Pôrto de Manaus e dos Rios Negro e Amazonas, cobrindo tôda a àrea fluvial fronteiriça à Zona Franca do Pôrto de Manaus, numa extensão de 120 quilômetros do rio, além do permanente apoio logístico por ela dado a Marinha Mercante.

No mais, apenas a honra de haver comentado o trabalho de tão interessante homem público brasileiro, como indiscutìvelmente é o Ministro Jarbas Passarinho. Deu oportunidade a que mais uma vez fôsse verificado — desta feita na intimidade dêste Seminário — que "uma coisa é dizer. Outra coisa é fazer". Eu apenas comentei. Eu me limitei a dizer. Êle, o Conferencista, êste diàriamente faz. Cotidianamente enfrenta, como homem público brasileiro da atualidade, o desafio que o trópico lhe oferece. E me parece que o enfrenta bem. Muito obrigado".

JORNAL UNIVERSITÁRIO

N.º 9 — Recife — Maio 1971 — Ano III

Passarinho Recebeu Título dos Estudantes

Estudantes deram flores naturais à senhora Ruth Passarinho.

Sob calorosa manifestação de apoio e simpatia, sendo inclusive aplaudido de pé, no Teatro Santa Isabel, o ministro Jarbas Passarinho recebeu o título de "Ministro da Juventude", outorgado pela liderança estudantil de Pernambuco, como símbolo do reconhecimento dos nossos estudantes aos profícuos trabalhos que aquela autoridade vem desenvolvendo à frente da pasta da Educação e Cultura.

Ao dirigir sua palavra, através da Televisão Universitária, diretamente do Santa Isabel, o ministro Passarinho declarou que, aquela homenagem não será esquecida e o fazia feliz como homem público. "Este, é um momento eterno. Para um simples nortista que chegou a dois Ministérios, a homenagem dos estudantes pernambucanos representa o coroamento de tôda uma trajetória de lutas como homem público.

Suas palavras foram de estímulo e de confiança aos estudantes, tendo afirmado que, "miserável de um povo que não ouve a sua juventude, pois os seus protestos são sempre justos e necessários desde que tenham na liberdade um meio e nunca um fim em si mesma".

O INICIO

Logo que foi iniciada a cerimônia três meninas do curso primário subiram ao palco do Santa Isabel e, em nome das demais colegas que integram as nossas escolas primárias ofereceram flôres naturais à espôsa do ministro, sra. Ruth Passarinho. As crianças representavam as três raças da família brasileira. A seguir, outra jovem leu uma poesia como saudação ao titular do MEC em nome dos secundaristas. Coube a José Paulo Novaes, presidente do Diretório Central dos Estudantes da Universidade Federal de Pernambuco falar em nome dos universitários e entregar o título ao ministro.

Enalteceu a obra do ministro e destacou a capacidade do seu assessor Ivancir de Castro, e, no Recife, a atuação do economista Djair Barros, diretor da Divisão de Expediente Escolar da UFPe, relativamente ao encaminhamento e à solução de problemas estudantis, mereceu referência do presidente do DCE, durante o seu discurso. A instituição das bôlsas de trabalho, como uma medida do mais alto interêsse, principalmente dos estudantes mais carentes de recursos financeiros, foi um aspecto destacado por José Paulo Novaes.

AUTORIDADES

Além do título mencionado, o ministro recebeu ainda uma medalha dos órgãos de representação dos estudantes, sendo-lhe entregue pelo presidente da FAPE.

A mesa, registrou-se a presença do vice-governador Barreto Guimarães, prefeito Augusto Lucena, reitor Murilo Guimarães, vice-reitor Marcionílo Lins, coronel Edmilson Maranhão, pelo IV Exército, comandante Vilarinho Neto, da Polícia Militar, secretário Manoel Costa Cavalcanti, da Educação do Estado, Edmir Regis do Município além de outras altas autoridades civis militares e universitárias.

Antes do encerramento da solenidade, foi entoado pelos colegiais a música folclórica Adeus Belém do Pará, do Cancioneiro Popular e, por último, o Hino Nacional executado pela banda da PMP.

Diálogo Com Liderança No Hotel

No salão azul do Grande Hotel o ministro participou de um almôço oferecido pelos estudantes. Presentes, também, a sua espôsa e seu assessor Ivancir de Castro. Depois do ágape, o acadêmico Arnaldo Souto Maior, saudou o titular do MEC, em nome dos alunos das escolas superiores da rede particular. A seguir, o universitário José de Ribamar, aluno da Faculdade de Direito da Católica leu um discurso situando várias aspectos relativos à problemática dos jovens, inclusive fazendo referências aos meios de comunicação de massa. Ao terminar de ler, as lágrimas rolaram-lhe a face, tamanha a sua emoção.

Além de um jibão de couro, os estudantes deram vários outros presentes ao ministro e à sua espôsa, naquela oportunidade. Depois de ouvir os representantes estudantis, o ministro dirigiu-lhe algumas palavras, lembrando inclusive da sua fase de estudante. Aconselhou-os no sentido de não tomarem posições radicais, sob a alegação de que vivemos uma época que exige de cada um posição de equilíbrio, sensatez e compreensão diante dos fatos.

REIVINDICAÇÃO

Finalmente, foram encaminhadas ao ministro as reivindicações de várias Faculdades, de maior interêsse dos alunos, através dos seus representantes. Citaríamos Engenharia, Biomédicas, Educação, Relações Públicas da Fesp, inclusive o DCE. Problemas diversos, como reconhecimento de Faculdade, de profissão, institucionalização das bôlsas de trabalho, entre outros, foram objeto dos pleitos formulados ao senador Jarbas Passarinho. Vai estudá-los e verificar as condições de atendimento.

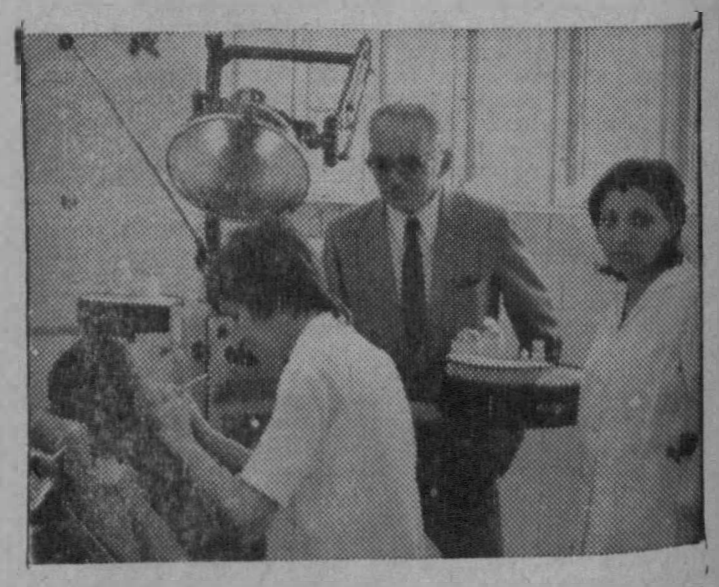
COORDENADOR

Coube ao professor Djair Barros, diretor da Divisão de Expediente Escolar da UFPe., coordenar os trabalhos relativos às recepções dirigidas ao ministro. Desde o início — planejamentos, sugestões, providências, etc — ao momento de realizar as solenidades, estêve Djair Barros dando sua parcela de colaboração com vistas ao maior brilhantismo dos atos.

Equipada a I.U. Para Impressão em Off-Set

A Imprensa Universitária, preocupada em expandir e melhorar a qualidade de seus produtos, vem dotando as suas oficinas gráficas de equipamentos modernos, o que tem contribuído não só para a racionalização de seus serviços como também para um atendimento sensível da produção de livros, revistas e outros periódicos da Universidade ou de terceiros. Recentemente, adquiriu modernissimo equipamento de fotolito para impressão em "off-set", o que vem representar para a I.U. um avanço considerável na produção e benefícios culturais para Pernambuco e o Nordeste.

Brevemente, começaremos a experimentar os novos equipamentos adquiridos na Alemanha. Por outro lado, segundo declarações do Dr. Itamaracá Marroquim, diretor da I.U., as máquinas para trabalhos em "off-set" estarão à disposição não só da Universidade Federal de Pernambuco mas também de empresas e instituições interessadas, o que importará em mais uma fonte de renda, destinada não só a manutenção de equipamentos mas também na sua ampliação, um dos objetivos sempre visados pelo reitor Murilo Guimarães, o grande incentivador da vida cultural que a Imprensa Universitária vem desenvolvendo em nosso Estado.



O professor Jayme Sales é o novo diretor da Faculdade de Odontologia da UFPe, e, ao assumir o cargo, prometeu, entre outras coisas, a mudança das instalações daquela casa de ensino, do prédio situado na Derby, para o "campus", na Cidade Universitária. Já foi um flagrante do professor Jayme, ao supervisionar trabalhos de revestimento nas diversas cadeiras. São salas práticas nas quais o aluno se empenha a fundo no aprimoramento de seus conhecimentos.